



UNIVERSIDADE DO BRASIL - UFRJ  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
ADMINISTRAÇÃO

MONOGRAFIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A Estratégia do Investimento Externo Direto Chinês no  
Brasil: Motivações e Desafios**

Autora: Wang Yanyi

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2011

A Estratégia do Investimento Externo Direto Chinês no Brasil: Motivações e Desafios

Wang Yanyi

MONOGRAFIA SUBMETIDA À FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E  
CIÊNCIAS CONTÁBEIS COMO REQUISITO NECESSÁRIO À OBTENÇÃO DO  
GRAU DE BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO.

Aprovação da banca examinadora:

---

Professor Orientador: José Luis Felício Carvalho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

---

Professora Examinadora: Ana Carolina Pimentel Duarte  
da Fonseca  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis

Aos meus pais e a minha avó

## **Agradecimentos**

Este trabalho não é um projeto isolado e finito na sua completude, mas sim parte de um projeto maior de carreira e de vida. É o primeiro passo de uma longa trajetória na tentativa de compreender o mundo em que vivemos, especialmente as interações entre empresas e governos. Percorrer esse caminho não seria possível sem a ajuda e compreensão de diversas pessoas. A elas dedico meu agradecimento.

Primeiro quero agradecer ao meu orientador prof José Luis Felício Carvalho por toda ajuda, compreensão e confiança depositado no meu trabalho e pela amizade que me é inestimável. À professora Ana Carolina Pimentel Duarte da Fonseca pela confiança e ensinamentos durante a pesquisa. A todos os professores que segundo as palavras de Pimentel (2007, p. iii) “Ensinando, despertaram o interesse por ensinar, pesquisando, despertaram o interesse por pesquisar, e que, demonstrando no brilho dos olhos o prazer da descoberta, despertaram o interesse por descobrir”.

Agradeço a André Soares do Conselho Empresarial Brasil e China, a Eliana Yang da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico, a Reinaldo Ma do Felsberg e Associados, a J. Gregory Arthur e Erik Bethel do Sino Latin Capital, a Luís Curi e Felipe Boni da Chery Brasil, a Gabriel Aidar, Cléa Pires, Tatiana Carvalho, Gustavo Reis, Sharisse Monteiro e Rafael Assis do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que de forma direta ou indiretamente agregaram valores no presente trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas que me apoiaram de diversas formas ao longo da trajetória na faculdade. Agradeço principalmente aos meus amigos Douglas Frederico César, Yan Jiefeng, Luiza Beana, Karen Kristina e Julio Porto.

Agradeço aos meus pais pelo amor irrestrito, apoio e por inspirarem minha vontade de melhorar continuamente.

Por fim, segundo as palavras de Pimentel (2007, p. iii) “Agradeço à capacidade de não entender, que move a vontade de buscar conhecimento; à capacidade de gostar, que move a vontade de fazer mais, o querer mais; agradeço a insatisfação que move a busca por oportunidades, e que possibilitou a transposição de diversas barreiras e a conclusão deste trabalho”.

“É melhor acender a vela do que amaldiçoar a escuridão”.

Confúcio, Sábio Chinês (551 – 479) A.C.

## RESUMO

O advento do Neoliberalismo modificou e reordenou as relações econômicas entre os países. Surgem novos *players* no mercado global com a ascensão das economias emergentes. A China é um dos países que vem ganhando espaço no cenário global através da sua política de incentivo a exportação. Todavia, o investimento externo das empresas chinesas vem ganhando força nos últimos anos e pouca atenção tem sido dada a essa nova posição da China como investidora mundial. Assim, o objetivo do trabalho é identificar as razões que motivam o investimento chinês no mundo e, principalmente no Brasil, os desafios enfrentados por empresas chinesas aqui instaladas e o papel exercido pelo governo chinês na internacionalização de suas empresas. Para isso, foi feito, inicialmente, um levantamento bibliográfico sobre as motivações e vantagens das empresas investirem no exterior e quais são as características do investimento chinês. Em seguida, foi feita uma avaliação realizada por meio de quatro entrevistas com pessoas que estão nesta ponte entre Brasil e China. Concluiu-se que a principal motivação da entrada de investimento chinês no Brasil até no ano de 2010 foi a garantia de *commodities* para suprir o seu mercado doméstico e, já no ano de 2011, o investimento é voltado para o setor industrial. Os desafios identificados na internacionalização de empresas chinesas no Brasil foram de ordem cultural e institucional. O papel do governo chinês foi fundamental na internacionalização das empresas chinesas. Uma das conclusões, é que o Brasil, pode sim, ganhar com o investimento direto chinês por meio de política de coordenação no recebimento destes.

## **ABSTRACT**

*The advent of Neoliberalism altered and rearranged the economic relations between countries. There are new players in the global market with the rise of emerging economies. China is a country that has been growing in the global scene through its policy of encouraging exports. However, overseas investment of Chinese enterprises is gaining momentum in recent years and little attention has been given to the new position of China as a global investor. Thus, the objective of this study is to identify the grounds for Chinese investment in the world and especially in Brazil, the challenges faced by Chinese companies located here and the role played by the Chinese government in the internationalization of their companies. For this, we initially made a literature on the motivations and advantages for companies investing abroad and what are the characteristics of Chinese investment. Then, an evaluation was made through four interviews with people who are link between Brazil and China. It was concluded that the main motivation of the entry of Chinese investment in Brazil by the year 2010 was the guarantee of their commodities to meet domestic market and by the year 2011, the investment is focused on manufacturing sectors. The challenges identified in the internationalization of Chinese companies in Brazil were of a cultural and institutional. The role of the Chinese government was instrumental in the internationalization of Chinese companies. One conclusion is that Brazil can indeed gain from direct investment by Chinese policy coordination in receiving these.*

## SUMÁRIO

1.	O Problema .....	1
1.1.	Introdução .....	1
1.2.	Objetivo .....	3
1.3.	Delimitação do Estudo .....	3
1.4.	Relevância (Motivação e Justificativa da Pesquisa).....	4
1.5.	Visão Geral do Trabalho.....	4
2.	Referencial Teórico .....	6
2.1.	Investimento Externo Direto (IED) .....	6
2.1.1.	A Internacionalização das Empresas .....	6
2.1.2.	Tipos de Investimento Externo Direto.....	7
2.1.3.	Tipos de Entrada.....	8
2.1.4.	A Trajetória do Investimento Externo de Países em Desenvolvimento ...	9
2.2.	IED Chinês no Mundo, América Latina e Brasil.....	10
2.2.1.	O Império do Meio. A Trajetória de Investimento.....	10
2.2.2.	Investimento Externo Direto Chinês no Mundo.....	11
2.2.3.	Investimento Externo Chinês na América Latina.....	20
2.2.4.	Investimento Externo Direto Chinês no Brasil.....	24
3.	Metodologia.....	30
3.1.	Universo e Sujeitos da Pesquisa .....	30
3.2.	Coleta de Dados, Tratamento e Limitações.....	30
4.	Resultado das Entrevistas .....	32
4.1.	Investimento Chinês x Mundo.....	32
4.2.	Investimento Chinês x América Latina .....	33
4.3.	Investimento Chinês x Brasil.....	36
4.4.	China.....	39
5.	Considerações Finais .....	41
	Referência Bibliográfica.....	43
	Anexo I - Questionário .....	47



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Investimento Estrangeiro Direto na China (bilhões de dólares) .....	11
Figura 2: Fluxo de Saída de IED para o Mundo.....	12
Figura 3 : Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (bilhões de dólares).....	13
Figura 4: Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (Janeiro de 2007) .....	14
Figura 5: Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (Janeiro de 2010). .....	14
Figura 6: Crescimento Econômico Chinês .....	17
Figura 7: Investimento Chinês na América Latina (US\$ bilhões).....	20
Figura 8: Investimento Chinês na América Latina por País no Ano de 2010 ( US\$ bilhões) .....	21
Figura 9: Investimento Chinês na América Latina.....	22
Figura 10: Produção e Consumo do Mercado Doméstico Chinês.....	23
Figura 11: Modo de Entrada do Investimento Chinês no Brasil. ....	25
Figura 12: Investimento Chinês no Brasil por Setor (2010).....	26
Figura 13: Investimento Chinês por Estado Brasileiro (US\$ milhões) .....	28

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: IED - Fatores de Impulsão e Resposta Empresarial. ....	8
Tabela 2: As 500 Maiores Empresas do Mundo. ....	12
Tabela 3: Investimento Chinês no Mercosul (US\$ milhões).....	21

# 1. O Problema

## 1.1. Introdução

Segundo Napoleão *apud* Sukup (2002), “Quando a China despertar, o mundo se comoverá”. A palavra China foi dada pelo imperador Qin que significa o império do meio, pois os chineses se consideravam o centro do mundo. A China foi uma das primeiras civilizações da humanidade. Segundo lendas e tradições chinesas, o Vale do Rio Amarelo era habitado por agricultores e artesãos desde 3.000 anos a.C. Cultivavam milho e criavam animais, como cães, porcos e cabras. Sabiam fundir o bronze para fabricar armas, faziam vasos e objetos e marfim, jade e porcelana (<http://www.algosobre.com.br/historia/China-india-e-japao.html>).

No século XXI, surgiu um novo paradigma global com a maior inserção mundial das economias dos países emergentes, consequência da desregulamentação e liberalização dos mercados (PADILHA E LIMA, 2007). A China vem se destacando no mundo através de um sistema político complexo, um país, dois sistemas. Um forte fôlego econômico com 1,3 bilhões de habitantes, a China vem consolidando sua condição atual de potência emergente (SUKUP, 2002).

Esse crescimento é sustentado pelo fortalecimento do mercado interno, investimento em infra-estrutura, abertura econômica, constituição de reservas significativas, fomento ao crédito para importação, exportação e aquisições de ativos, taxas de juros reduzidas, inflação controlada (MANUCCI, 2009) e depois de vários anos de difíceis negociações, em 2001, a China aderiu à Organização Mundial do Comércio (OMC). Essa entrada foi um marco importante para a economia chinesa e para o mundo, pois consolida a abertura gradativa do terceiro maior país em território do mundo (SUKUP, 2002).

Um dos efeitos da expansão econômica chinesa para a América Sul, é descrita por Holland (2010) como proveniente da demanda de *commodities* pela China que fez com que o Brasil exportasse mais esses produtos, diminuindo sua exportação de produtos industrializados. Story (2004), por sua vez, amplia o debate para além das *commodities*, defendendo o uso do termo “revolução” para discorrer sobre o modo como a China atua no mercado global, descrevendo que o governo chinês adota políticas de câmbio de desvalorização do yuan, fomenta altas taxas de poupança e

conduz estratégias de crescimento voltadas para exportação, impulsionando um crescimento médio de 9% ao ano.

Existe uma vasta literatura sobre o porquê do crescimento econômico chinês. No entanto, o que leva um país que ainda tem tanto a crescer internamente a investir fora? Assim, o objetivo da presente pesquisa é analisar os principais aspectos que impulsionaram o investimento externo direto (IED) da China no mundo e no Brasil nos últimos anos, abordando os desafios e as características da internacionalização que empresas chinesas enfrentam em prol desse desenvolvimento e as consequências sobre o resto do mundo, em especial o Brasil.

Segundo Sukup (2002), a China será agora mais da ordem global, embora de peso e natureza bem particulares. Nesse sentido, o trabalho propõe investigar a teoria do investimento externo direto, isto é, as motivações por trás da internacionalização de empresas multinacionais e também pesquisar sobre os desafios e ameaças que empresas centrais estatais chinesas impõem através de investimento externo direto à economia mundial, principalmente, à brasileira.

Por ser uma economia de peso e natureza particulares, o IED chinês também é dotado de suas singularidades. Assim, Segundo Kerlinger (2003, p.35), “Um problema é uma questão que pergunta como as variáveis estão relacionadas”.

O problema de pesquisa do presente trabalho é um tema pouco explorado, apesar de estar frequentemente na mídia o nome China, todavia, há pouco estudo científico sobre investimento externo direto chinês no Brasil. Com isso, investiga-se esse novo fenômeno, quais são as suas características, as oportunidades e ameaças. Para isso, conta com uma pesquisa exploratória para entender os objetivos de empresas chinesas investirem fora de seu país. Tem como principais desdobramentos para pesquisa as seguintes questões:

- Quais são as motivações e objetivos no IED?
- Como foi a trajetória do investimento externo direto chinês
- Quais são as características de IED chinês no mundo, na América Latina e no Brasil?

## 1.2. Objetivo

Os objetivos, se alcançados, dão respostas às questões propostas pela investigação (VERGARA, 2004).

O objetivo de um estudo é diretamente relacionado com o problema da pesquisa (ACEVEDO e NOHARA, 2007). Assim, o objetivo do presente trabalho é identificar as razões que motivam o investimento chinês no mundo e, principalmente no Brasil, os desafios enfrentados por empresas chinesas aqui instaladas e o papel exercido pelo governo chinês na internacionalização de suas empresas.

## 1.3. Delimitação do Estudo

Para não perder o foco, redundância ou especulação vazia de significado empírico ao longo do processo de investigação, definiu-se uma moldura à realidade que circunda o objeto estudado (VERGARA, 2004).

Segundo a mesma autora, a realidade é extremamente complexa, assim, não é possível analisar o conjunto histórico dos investimentos de empresas chinesas no Brasil, por alguns motivos:

O primeiro são os dados oferecidos pelo Banco Central do Brasil e do Ministério do Comércio (MOFCOM) os quais não podem ser utilizados como base de análise, pois o investimento de origem chinesa passa por paraísos fiscais antes de entrar no Brasil. E com relação ao MOFCOM, temos que levar em consideração o fenômeno *round-tripping*. Assim, os dados sobre IED foram baseados pelas fontes do Conselho Empresarial Brasil e China e pela *Heritage Foundation*.

Desta forma, é preciso delimitar o objeto de estudo a um período determinado de tempo. Decidiu-se estudar a partir de 2001, o ano que marca a entrada da China na OMC. Paralelamente a isso, delimita também apenas a análise econômica sem considerar influências políticas e sociais.

Assim sendo, o objetivo não é esgotar os estudos diante dessa questão, muito pelo contrário, estimular outros estudos sobre o IED chinês, pois, o universo aqui estudado não representa sua totalidade.

## 1.4. Relevância (Motivação e Justificativa da Pesquisa)

A Relevância é indicativo de importância do estudo para a área científica ou sociedade nas quais se insere. Denota, em outras palavras, o valor prático ou teórico da pesquisa (VERGARA, 2004).

Algumas motivações já foram apresentadas na introdução deste trabalho, como a importância do crescimento econômico chinês no cenário mundial e o aumento do volume de IED chinês no mundo e no Brasil ao longo dos últimos anos.

O interesse da autora pelo assunto IED chinês, surgiu de um workshop promovido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Nesse workshop apresentado pelo prof<sup>o</sup>. Marcio Holland da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre o tema: “Inserção Comercial do Brasil na América do Sul: um estudo sobre os efeitos da China na região”. Essa palestra despertou na autora o interesse de estudar sobre o universo do investimento externo e o IED chinês na América Latina, posteriormente, decidiu aprofundar no Brasil, pois, é o país que mais recebe investimento do país asiático.

Outro ponto que motiva o estudo do presente trabalho reside na pequena quantidade de estudos feitos sobre IED chinês no Brasil.

Um último ponto seria que o estudo pretende igualmente contribuir para a integração de campos de conhecimento tais como Economia e Administração, por meio de um protocolo descritivo de pesquisa estruturado a partir de revisão bibliográfica. Dentre as perspectivas contempladas, destaca-se a constatação de que muitos problemas resultantes do crescimento econômico chinês, os quais transcendem os aspectos operacionais das empresas, envolvendo questões relacionadas à cultura, política, boa governança corporativa e liberdade de expressão (PARK, 2008).

## 1.5. Visão Geral do Trabalho

O trabalho está dividido em cinco partes além desta introdução.

No capítulo dois, será abordado o referencial teórico, onde serão abordados os trabalhos científicos existentes sobre a literatura de investimento externo direto, a

trajetória do IED chinês e as características do investimento externo direto chinês no Brasil, as motivações e os desafios.

No terceiro capítulo, discutirá a metodologia de pesquisa, explicitando qual foi o método utilizado para pesquisa, como foi feita a coleta de dados, o tratamento dos mesmos e a limitação do método.

Já no capítulo quatro, será detalhado o resultado das entrevistas.

Finalmente, o quinto capítulo enfatizará as principais conclusões do estudo.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1. Investimento Externo Direto (IED)

#### 2.1.1.A Internacionalização das Empresas

Os trabalhos pioneiros referentes a investimento externo direto (IED) apontam três razões para uma empresa produzir internacionalmente. Uma primeira razão seria a busca de recursos específicos não disponíveis no mercado doméstico. Um segundo motivo seria que as multinacionais se engajam em operações externas em busca de mercados. E por último, mas não menos importante, seria redução de risco por meio da diversificação das operações (BAUMANN, CANUTO E GONÇALVES, 2004; BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).

John Dunning (2001) *apud* Lima (2005) apresenta três estágios de internacionalização de um país. O primeiro seria quando o país não apresenta nem entrada e nem saída de investimento, esse estágio é denominado pré-industrialização. O segundo estágio de desenvolvimento é quando o país passa a atrair entrada de investimentos de multinacionais em busca de recursos e setores manufatureiros tradicionais e intensivos em mão de obra. A partir do momento em que o país consegue um certo grau de maturidade, suas firmas passam a investir em outros países, assim, com o tempo, a saída de IED superaria a entrada. E o quarto estágio de desenvolvimento é quando há um balanço entre a entrada e saída de investimento.

Atualmente, o IED refere como forma de internacionalização da produção, a qual ocorre quando um residente de um país tem acesso a bens ou serviços originários de outro país. A internacionalização da produção pode ser realizada de três formas, através do comércio internacional, relação contratual e investimento externo. O comércio internacional ocorre quando bens cruzam fronteiras nacionais através da exportação. Exemplo disso é quando um produto é produzido no Japão e exportado para o Brasil. Assim, o brasileiro tem acesso a esse produto. Na relação contratual, o agente de produção é um residente. Exemplo disso é quando uma empresa japonesa transfere um ativo específico, pode ser uma patente ou uma marca para uma empresa brasileira que passa a produzir no Brasil. Geralmente, a relação contratual envolve prazo e preço. Por último, o investimento internacional que é o foco do presente trabalho, significa que bens e serviços de origem em outro país, por exemplo, China, podem ser acessados por

brasileiros no Brasil por meio de operações de empresas chinesas aqui instaladas. Esse tipo de operação causa efeitos tais como transferência de recursos, modificação do balanço de pagamento, acirramento da concorrência e a questão da vulnerabilidade externa. Ou seja, impacta e modifica a economia do país receptor do fluxo de investimento. Paralelamente a isso, há também transferência de *Know-how* (BAUMANN, CANUTO E GONÇALVES, 2004).

### 2.1.2. Tipos de Investimento Externo Direto

Segundo Dunning (1994 e 1998) *apud* Pimentel (2009), existem quatro modalidades de investimento por parte de empresas que vão para fora: *market seeking*, *resource seeking*, *efficiency seeking* e *strategic assets*.

A estratégia de *resource-seeking* tem como objetivo a internacionalização em busca de recursos específicos a um custo mais baixo do que no país de origem. Recursos esses que podem ser físicos como produtos, força de trabalho ou capacidade tecnológica (PIMENTEL, 2009). É o principal instrumento de uso de empresas de setores de extração de minerais metálicos, papel e celulose e fabricação de móveis e produtos de madeira. (SARTI e LAPLANE, 2002).

Na estratégia de *market-seeking* as empresas investem em um país ou numa determinada região para suprir as necessidades da mesma. Uma das razões que leva uma empresa a se internacionalizar usando esse tipo de estratégia é o tamanho e nível de crescimento do mercado. Outra razão seria a necessidade de adaptar os produtos aos padrões locais, ou mesmo para redução de custo de produção. Uma última razão seria a concorrência local, pois a empresa precisa se internacionalizar para se tornar competitiva (PIMENTEL, 2009). Esse tipo de modalidade é voltado para os setores de eletricidade, gás e água, construção civil, comércio varejista, transporte terrestre, intermediação financeira, serviços prestados às empresas e limpeza urbana e esgotos (SARTI e LAPLANE, 2002).

O que leva as empresas a adotar a estratégia *efficiency-seeking* é quando uma empresa tem uma estrutura de governança corporativa comum e quer uma racionalização do processo de produção, logística e marketing, e através disso, construir uma sinergia entre as operações em diversos países (PIMENTEL, 2009).



Por fim, o investimento através do *strategic asset-seeking* é motivado quando uma empresa quer promover suas estratégias globalmente. Assim, ela adquire alguns ativos estratégicos fora de seu país de origem. Empresas buscam se internacionalizar para obter vantagens que não conseguem em seu país de origem. Essa obtenção pode ser de mercado, recursos, ativos estratégicos ou formas de reduzir custos (PIMENTEL, 2009).

Segue a seguir uma síntese dos fatores de impulsão e resposta empresarial.

**Tabela 1: IED - Fatores de Impulsão e Resposta Empresarial.**

Fatores de Impulsão	Resposta Estratégica Empresarial	Classificação de Dunning
Mercados Limitados e/ou mais competitivos	Acesso a Novos Mercados	<i>Market seeking</i>
Custos Crescentes	Procura de Plataformas mais Eficientes	<i>Efficiency seeking</i>
Escassez de Recursos Naturais	Incorporação de Novas Fontes de Recursos	<i>Resource seeking</i>
<i>Gaps</i> em Ativos Estratégicos Criados	Aquisição de Ativos Existentes em Outras Empresas	<i>Strategic assets seeking</i>

Fonte: Pimentel, 2009, p. 17

### 2.1.3. Tipos de Entrada

O modo de entrada de investimento externo direto pode-se dar de três formas:

- *Joint Venture* – parceria estratégica entre empresas na criação de uma nova empresa com finalidade específica. Esta inclui participação acionária das criadoras (SOARES, 2011). Tem como vantagem a redução de risco do negócio. Risco esse que é compartilhado com o parceiro, pois um pode contribuir com a experiência e outro com capital; essa forma de entrada é útil quando o país anfitrião limita a propriedade estrangeira. Tem como desvantagem o parceiro aprender a tecnologia e usá-la posteriormente para competir com a organização (CHURCHILL e PETER, 2003).
- Fusões e aquisições: compra total ou parcial de uma empresa num país por um investidor ou empresa estrangeira (SOARES, 2011). Esse tipo de entrada no curto prazo não cria capacidade produtiva na economia local, consiste apenas em uma mudança de propriedade do ativo (SARTI e LAPLANE, 2003).

- *Greenfield* - construção de instalações totalmente novas no país destino do investimento (SOARES, 2011). Este tipo de entrada adiciona um novo capital imediatamente ao estoque de capital já existente no país receptor (SARTI e LAPLANE, 2003).

#### 2.1.4. A Trajetória do Investimento Externo de Países em Desenvolvimento

O processo de internacionalização através do investimento externo direto das empresas cuja origem é de países em desenvolvimento, pode ser observado a partir de três “ondas” (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).

Na primeira onda (1960-1980), a atuação foi das empresas latino-americanas (Argentina, México, Colômbia e Venezuela) e algumas asiáticas (Cingapura, Malásia, Filipina, Hong Kong, Coréia do Sul e Índia). Tinham como foco ultrapassar barreiras comerciais e setores como extrativismo, engenharia e construção civil. Países próximos geograficamente eram os alvos dos investimentos (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).

Na segunda onda (1980-1990), Os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Cingapura, Coréia e Taiwan) lideram esse movimento com o objetivo de desenvolver novos mercados. A maioria dos investimentos tinha como destino uma maior sofisticação tecnológica que visavam não apenas o mercado do país receptor do investimento, mas também a exportação (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).

Na terceira onda (recente), com a maior participação da América Latina, a inclusão da Rússia e da África do Sul, os maiores *players* de investimento são Hong Kong, Taiwan, Cingapura, Brasil, África do Sul, China, Coréia do Sul, Malásia, Argentina, Rússia, Chile e México. O destino dos investimentos já não é apenas para os vizinhos, mas também globalmente, inclusive para países desenvolvidos (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).

## 2.2. IED Chinês no Mundo, América Latina e Brasil.

### 2.2.1. O Império do Meio. A Trajetória de Investimento.

A trajetória do investimento chinês no mundo passa por cinco fases.

A primeira fase (1979-1985) é a “Internacionalização cautelosa”. É o início de investimento de empresas estatais chinesas a operarem no âmbito global. Trata-se de uma atuação para garantir o fornecimento de energia, insumos básicos e alimentos para um crescimento econômico sustentável. As empresas são guiadas pelo Ministério do Comércio (MOFCOM) e pelo *State Economic Trade Commission*. Esses investimentos inicialmente eram direcionados ao Canadá, Austrália e Estados Unidos. Ao longo dessa primeira fase, foram aprovados 189 projetos num total de US\$ 197 milhões. (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010; SOARES, 2011).

Na segunda fase (1986 – 1991), o governo chinês permitiu um maior número de empresas chinesas a estabelecerem filiais no exterior. Essas empresas tinham missão de cumprir metas econômicas do país e metas políticas. Nessa fase, o investimento tinha como foco apoiar a exportação das grandes fábricas estatais; ajudar a estabilizar a demanda de matérias-primas; obter informações e aprender como atuar no exterior (SOARES, 2011).

Na terceira fase (1992 – 1998) houve uma expansão e regulamentação de empresas chinesas. Elas passaram a ser listada na bolsa de Hong Kong e a realizar negócios internacionais, principalmente, o investimento em bens imobiliários e em especulação financeira. Somente a crise asiática de 1997 refreou um pouco essa expansão. O governo chinês criou mecanismos para controlar e monitorar o investimento com o intuito de que estes sejam voltados para o propósito de Pequim (SOARES, 2011).

Na quarta fase (1999-2001) com a política “*Go Global*”, fruto da diretriz adotada pelo 10º Plano Quinquenal, este plano mudou o rumo dos investimentos chineses. Essa política fomentava através de descontos nas tarifas de exportação; assistência para trocas internacionais; apoio financeiro direto às empresas voltadas para o exterior. O objetivo era diferente da década de 80. Nesse novo cenário, a China busca explorar novos mercados, melhorar o acesso à propriedade tecnológica estrangeira, aprimorar a competitividade chinesa, entre outros (SOARES, 2011). Porém, a saída de fluxos de

capital chinês para o mundo ainda é restritiva e complexa e necessita da aprovação de diferentes órgãos governamentais (SOUZA, 2011).

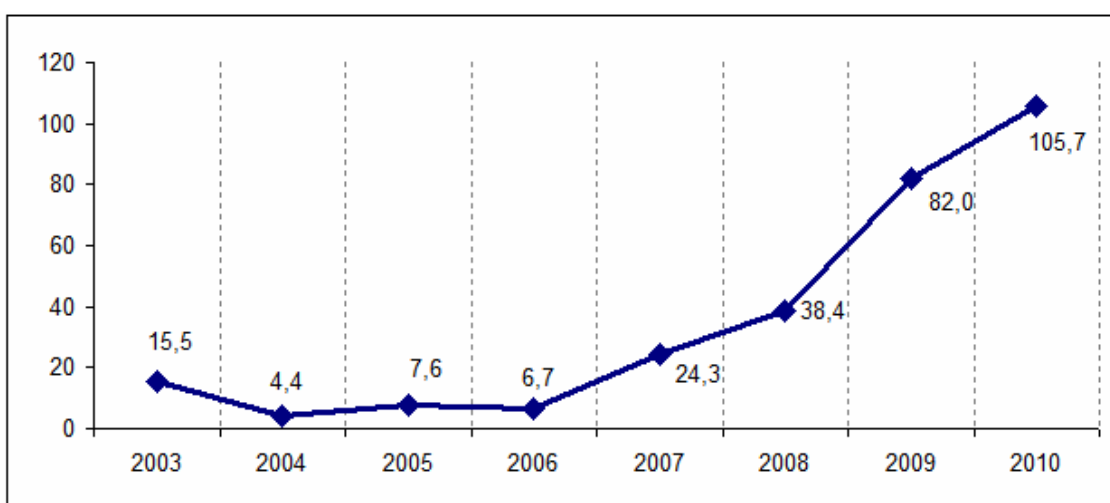
A última fase (a partir de 2001) é marcada pela entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC). Essa associação formulou políticas à liberalização de investimento no exterior. Como exemplo a simplificação de projetos em países estrangeiros; empresas privadas chinesas podem investir fora e afrouxamento do controle de investimento por parte de Pequim (SOARES, 2011).

## 2.2.2. Investimento Externo Direto Chinês no Mundo

### 2.2.2.1. Panorama Geral do IED Chinês no Mundo.

As empresas multinacionais e transnacionais investem na China por motivos tais como recursos humanos abundantes, qualificados e baratos. Além de outros motivos como rentabilidade de operar da China para o mundo, pois a taxa de câmbio é fortemente competitiva. Como pode-se verificar na figura 1 abaixo, sobre o aumento expressivo de IED na China (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010). Vale destacar que a maior parte desses investimentos foram destinados à construção de *Greenfield* e não de aquisição de ativos públicos ou privados nacionais (SARTI e LAPLANE, 2002).

**Figura 1: Investimento Estrangeiro Direto na China (bilhões de dólares)**



Fonte: Valor Econômico e Folha de São Paulo. Adaptação da autora

Vale ressaltar aqui que o presente estudo não tem objetivo de quantificar o valor dos investimentos chineses, mas sim entender quais são as motivações e os desafios são os objetos de estudo. Assim sendo, é prudente considerar as estatísticas oficiais, pois existem pontos cegos nesses dados, visto que uma porção significativa dos investimentos no exterior não está ligada às transações de capitais entre fronteiras. O fenômeno conhecido como *round-tripping*, que pode ser caracterizado quando uma empresa chinesa envia seu capital da China para Hong Kong e este é retornado para China como investimento externo direto (SOARES, 2011).

Todavia, não é só o mundo que investe na China, sem uma contrapartida desta para o mundo. Os investimentos chineses pelo mundo começaram a apresentar alguma importância a partir dos anos 90. Mas somente com a política “*Going Global*”, onde o governo chinês oferece diversos incentivos para internacionalização de suas empresas, que a China começou a caminhar pelo mundo (POCHMANN *et al*, 2011). Deve-se destacar que as maiores empresas transnacionais chinesas são em sua maioria estatais (BÁRCENA *et al* 2010). Segundo o ranking da *Fortune*, em 2011, 61 empresas chinesas estão na lista das 500 maiores empresas do mundo, o triplo do que foi em 2006, enquanto nos outros países houve pouca variação de crescimento ou decréscimo de suas empresas nesse ranking. Como mostram as tabelas abaixo (*Fortune*, 2011):

**Tabela 2: As 500 Maiores Empresas do Mundo.**

Número de Empresas na lista de Fortune 500 Global (2006)		
	País	Número de empresas
1	EUA	170
2	Japão	70
<b>3</b>	<b>China</b>	<b>20</b>
4	França	38
5	Alemanha	35
6	Ingraterra	38
7	Suíça	12
8	Coreia do Sul	12
9	Holanda	14
10	Canadá	14
...	...	...
	Brasil	4

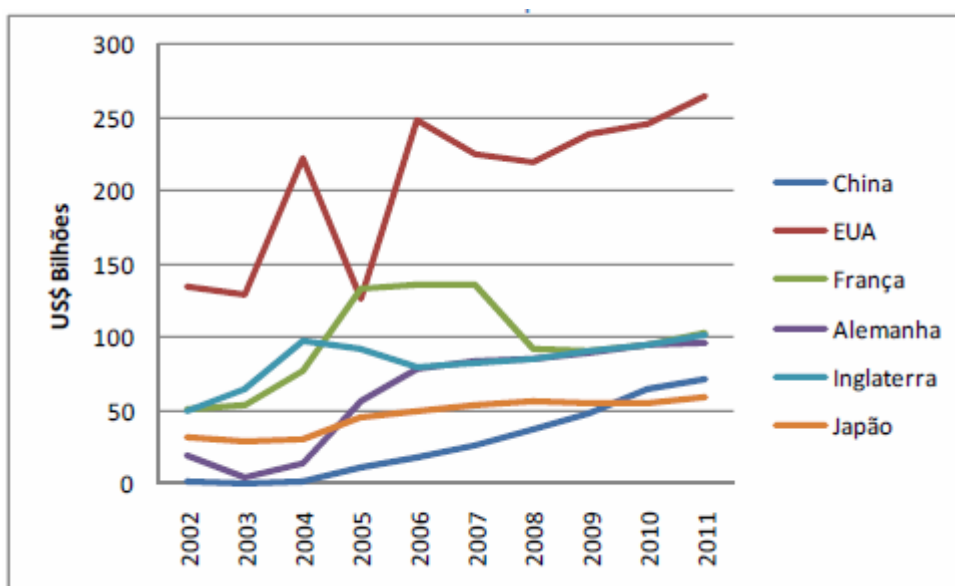
Fonte: Fortune 500 Global - Elaboração da Autora

Número de Empresas na lista de Fortune 500 Global (2011)		
	País	Número de empresas
1	EUA	133
2	Japão	68
<b>3</b>	<b>China</b>	<b>61</b>
4	França	35
5	Alemanha	34
6	Ingraterra	30
7	Suíça	15
8	Coreia do Sul	14
9	Holanda	12
10	Canadá	11
...	...	...
	Brasil	7

Fonte: Fortune 500 Global - Elaboração da Autora

Já na figura 2, podemos verificar o crescimento de saída de fluxo de IED dos sete maiores economias do planeta.

**Figura 2: Fluxo de Saída de IED para o Mundo.**

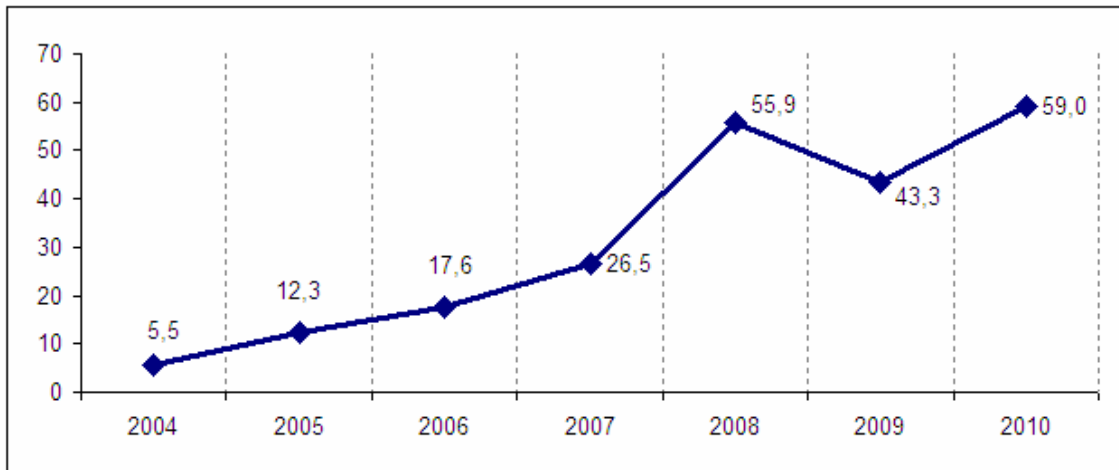


Fonte: SOARES, 2011 p. 2.

De acordo com a Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a China deu um salto após 2004, quando uma série de mudanças na política de incentivos à internacionalização e a simplificação de procedimento foi implantada. Em 2004, o investimento chinês no mundo foi de US\$ 5,5 bilhões, já em 2008, a China tornou-se o segundo maior investidora entre os países em desenvolvimento. No ano seguinte, o país era o quinto entre os maiores investidores do mundo. Em 2010 o investimento foi de US\$ 59 bilhões, um aumento de 36% em relação ao ano anterior. De acordo com a UNCTAD e o próprio governo chinês, nos próximos anos, a China será uma das principais investidoras estrangeiras do mundo (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009; POCHMANN *et al*, 2011).

Companhias chinesas adquirem empresas no exterior com o foco de ter ativos estratégicos, como tecnologias ou marcas e recursos naturais (BÁRCENA *et al* 2010). Assim, energia e alimento são os objetivos do investimento chinês pelo mundo, numa segunda etapa, eles buscam setores onde o próprio setor doméstico está começando a florescer como a indústria automobilística, de informática, de telecomunicações, entre outros. De acordo com a figura 3, a seguir, pode-se ver claramente a importância e a atuação cada vez maior do investimento chinês no planeta, havendo apenas uma queda nesse crescimento que foi motivado pela crise *Subprime* no final de 2008 (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009; POCHMANN *et al*, 2011).

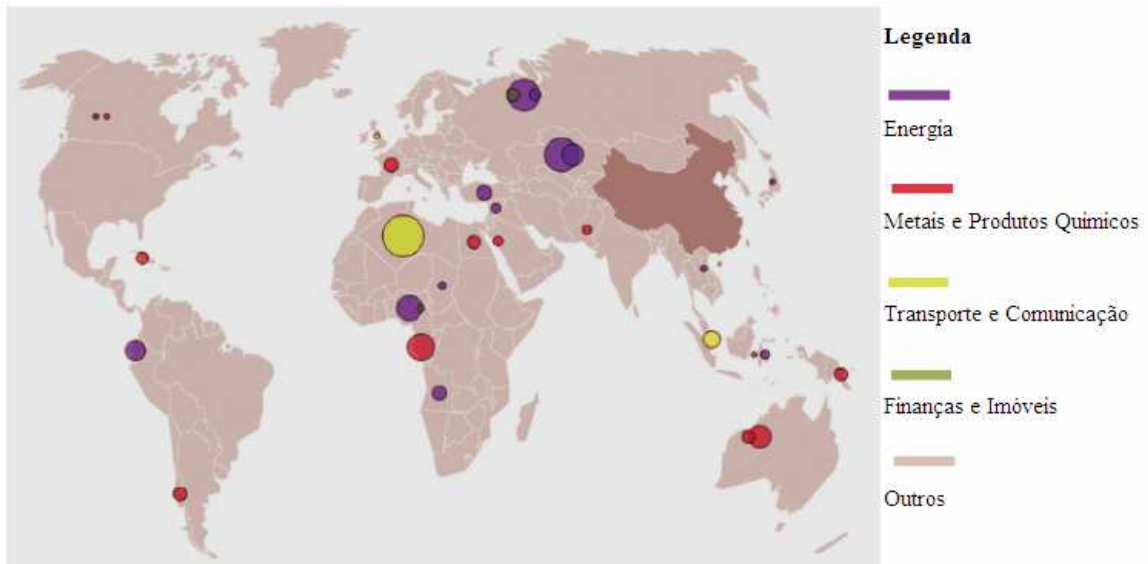
**Figura 3 : Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (bilhões de dólares)**



Fonte: Heritage Foundation Data. Elaboração da Autora.

Segundo Castro e Soares (2011) foi a partir de 2007 que o país começou a atuar como um grande investidor estrangeiro externo. Mesmo assim, os investimentos eram ainda relativamente escassos como mostra a figura 4 abaixo:

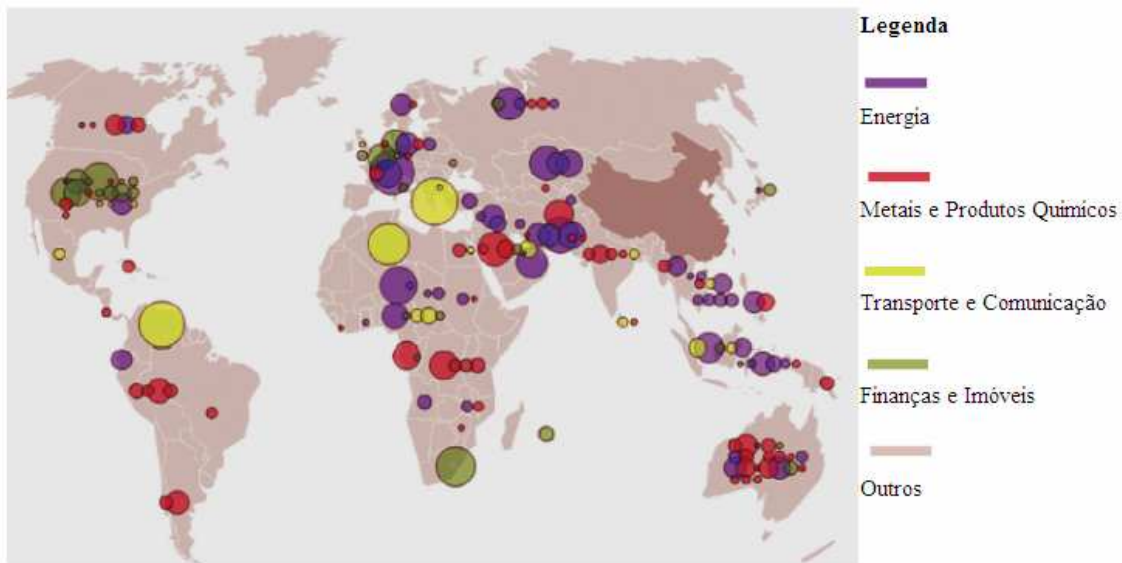
**Figura 4: Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (Janeiro de 2007)**



Fonte: Castro e Soares, 2011, p. 5.

Já na figura 5 podemos ver o aumento do investimento chinês no mundo em janeiro de 2010

**Figura 5: Investimento Externo Direto Chinês no Mundo (Janeiro de 2010).**



Fonte: Castro e Soares, 2011, p. 6

### **Características do IED Chinês por Região**

- Ásia e Oriente Médio – A China investe nessas regiões pela disponibilidade de petróleo (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).
- Ásia - Boa parte dos investimentos são dirigidos aos países que compõe a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Nessa região, a China tem investido nos setores de *commodities* e recursos naturais, exemplo: borracha, óleo de palma, petróleo, gás e *agrobusiness*. Os países que mais recebem o IED são Tailândia, Camboja, Malásia, Indonésia, Filipinas, Vietnã e Cingapura (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).
- Sul da Ásia - Os investimentos se destinam para o Paquistão, em tecnologia para construção de portos em águas profundas. Paralelamente a isso, também investe em produtos eletrônicos (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009).
- América Latina – O investimento tem como objetivo o acesso a recursos naturais e ao mesmo tempo, fomentar produtos chineses no mercado latino americano (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009). Em outras palavras, o país enxerga na América Latina oportunidades nas áreas de energia, siderurgia, mineração e alimentos (MANUCCI, 2009).

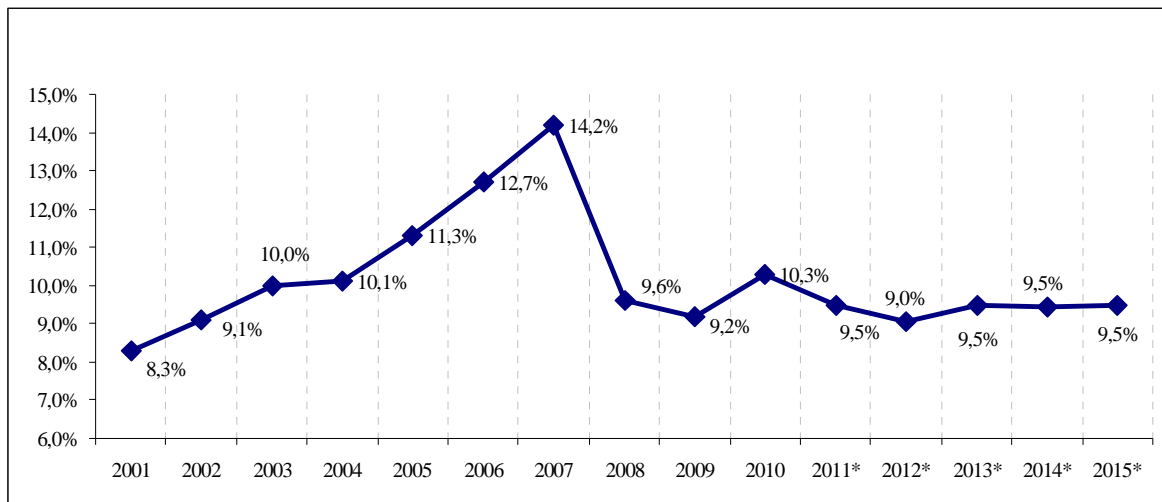


- África – Nos últimos cinco anos, a África tornou-se o terceiro maior receptor de investimento chinês. Dos US\$ 9,8 bilhões de investimento acumulado entre 2003 e 2009, a África do Sul obteve ½, seguida por Nigéria, Argélia, Zâmbia, Congo e Sudão. Os investimentos nesse continente têm como foco a exploração de petróleo, mineração e infra-estrutura (ACIOLY, ALVES e LEÃO, 2009; POCHMANN *et al*, 2011).
- América do Norte - De modo geral tem como principal objetivo a absorção de tecnologia de ponta. Nos EUA foi destinado 1,2% entre 2003 e 2009 e no Canadá 1%. Neste último, o investimento foi concentrado nos setores de recursos naturais, energia renovável, tecnologia da informação, comunicação, processamento de alimentos, indústria farmacêutica e medicina natural. Já no caso dos EUA, a China investe de duas maneiras, a primeira é a compra de empresas americanas pequenas nos ramos de autopeças e impressão. A segunda forma é a compra de empresas americanas nas áreas de energia, petróleo e tecnologia da informação (POCHMANN *et al*, 2011).
- Europa – Concentrou 4% do investimento chinês no mundo entre 2003 e 2009. Os países que responderam por 89% desse total foram Luxemburgo, Rússia, Reino Unido, Alemanha e Holanda. A maior parte desses investimentos foram para o setor de serviços, eletrônicos, indústria de maquinaria, tecnologia da informação e comunicação. Para entrar na União Européia, a estratégia adotada foi atuar por meio de aquisições e alianças estratégicas (POCHMANN *et al*, 2011; SOARES, 2011).
- Oceania – É um dos continentes mais importantes para China, pois é rica em recursos naturais. Essa região teve investimento de 3,2% num total de US\$ 5,6 bilhões no acumulado dos últimos seis anos. Os países principais que receberam esse fluxo foram Austrália e Papua Nova Guiné. Esta, é fortemente interessada pelas grandes corporações chinesas, pois é abundante em energia e recursos minerais para produção de gás natural e desenvolver projetos nas áreas de mineração, extração de ouro, cobre, níquel, entre outros (POCHMANN *et al*, 2011).

## Motivos

Vale ressaltar que a saída de capital chinês para investir no mundo não parece se associar a alguma razão difundida na clássica literatura econômica, pois, a internacionalização é fortemente comandada pelo Estado (POCHMANN *et al*, 2011). Além de que mesmo com o crescimento interno acelerado, o país ainda apresenta indicadores de grandes oportunidades de crescimento como mostra a projeção do FMI.

**Figura 6: Crescimento Econômico Chinês**



\*Projeção

Fonte: *International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, September 2011*

Então, o que leva um país com tanto potencial de crescimento a investir em outros países? (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010). Holland e Barbi (2010) destacam algumas possíveis explicações.

- A primeira seria garantir fontes de recursos naturais para continuar com o ritmo de crescimento econômico de 8 a 10% do PIB ao ano (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010). Para isso, o governo elaborou uma política agressiva do tipo *Resource Seeking* (Orientado para recursos naturais), que tem como objetivo uma maior participação de matérias primas no poder de suas empresas. Além disso, o governo também estava preocupado com a volatilidade dos preços das *commodities* (POCHMANN *et al*, 2011).
- Uma segunda razão é a intenção de competir globalmente. Desde que entrou na OMC, a China teve que abrir seu mercado doméstico e expor as suas empresas

nacionais à concorrência de companhias estrangeiras. Assim, o governo chinês induziu suas empresas a se expandirem para o mercado externo (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).

- A terceira motivação no caso de investimento em países industrializados seria que esses investimentos têm como foco obter tecnologia e transferir estas para sua indústria. Como exemplo, podemos destacar o caso do grupo Huawei que adquiriu a área de pesquisa e desenvolvimento da Phillips dos Estados Unidos da América (EUA), e outros que serão abordados mais adiante (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010). Ao mesmo tempo, seus investimentos também estão direcionados para constituição de companhias *holdings*, as quais são em sua maior parte, centros financeiros. A partir destes, empresas chinesas diversificam seus investimentos para outros países (POCHMANN *et al*, 2011).
- A quarta explicação seria a diversificação de risco, pois a China tem mais de US\$ 2,3 trilhões de reservas investidas nos EUA, investimento esse que apresenta baixa remuneração, o que pode levar a uma fuga de investidores em busca de algo mais rentável (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).
- E uma última seria que a China aumenta cada vez mais os seus ativos com o desejo de aumentar sua influência no ambiente global (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).

Enfim, a China internacionaliza suas empresas por ordem microeconômica e comercial, este para sustentar o crescimento e aquele para obter oferta para sua crescente demanda e também tem motivações relativas às questões estratégicas do Estado chinês como obter maior barganha geopolítica (SOUZA, 2011).

### **Modo de Entrada**

Em relação ao modo de entrada do investimento chinês no mundo, a modalidade mais utilizada pelas empresas chinesas são estabelecimentos de subsidiárias e de *joint-venture*. Recentemente, houve um crescimento de fusões e aquisições como forma de ter acesso a ativos estratégicos que interessam ao governo chinês e alguns *greenfield* (POCHMANN *et al*, 2011).

As fusões e aquisições ocorrem mais em setores de tecnologia, comunicação e exploração de recursos naturais. Alguns exemplos disso são: em 2004, a Shanghai Automobile Group comprou 49% da SsangYong Motor Company, a quarta maior empresa automobilística coreana; no ano anterior, a TCL Corporation fez uma fusão com a gigante francesa Thomson (televisão) num valor de US\$ 3,5 bilhões (POCHMANN *et al*, 2011). Em 2005, a Lenovo comprou a área de PCs da IBM por 1,75 bilhões de dólares ((BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010). Segundo ZeroIPO Research Center, no ano de 2009, onde ainda pairava sobre o mercado financeiro mundial a crise financeira de 2008, a China foi responsável por 38 fusões e aquisições no mundo, um aumento de 90% em relação a 2008 (POCHMANN *et al*, 2011). No que refere a *joint ventures*, a entrada é adotada pela China quando o interesse é a obtenção de tecnologia e é voltado em sua maioria para o continente Norte Americano e Europa. Já a entrada de *Greenfield*, é mais voltada para o Leste Europeu e América Latina. Essa forma de entrada tem como objetivo de garantir o fornecimento de recursos naturais para China, essa modalidade ainda é pouco usada por empresas chinesas (SOARES, 2011).

O investimento chinês é voltado para aquisição de empresas de tecnologia e ativos estratégicos. Isso tem sido recebido com ressalvas por parte do resto do mundo. Como exemplo:

- Em 2009, a aquisição da Opel (subsidiária do General Motors na Alemanha) pela Beijing Automotive Industry Holding Company. A oferta foi recusada pelo receio de fechamento de fábrica na Alemanha e transferência de oportunidade de trabalho para China (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).
- Uma aquisição que foi cancelada é a compra da energia Unocal pela chinesa China National Offshore Oil Corp (CNOOC) em 2005. A operação foi vetada por Washington (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).
- Em 2009, a Rio Tinto, rejeitou uma *Joint-venture* com a Chinalco que, então, estabeleceu a mesma com a BHP Billiton para atividades de minério de ferro (SCISSORS, 2011). O cancelamento foi devido à retomada de otimismo no mercado internacional, insatisfação dos acionistas e forte rejeição do público e autoridades australianas, pois o negócio dava impressão de ser mais vantajoso

para os chineses e nem tanto para a mineradora anglo-australiana (MACIEL, ALT e LANNA, 2009).

- Em 2008, o governo dos Estados Unidos proibiu a compra de 3Com pela empresa Huawei e a Bain Capital num valor de 2,2 bilhões de dólares (SCISSORS, 2011).

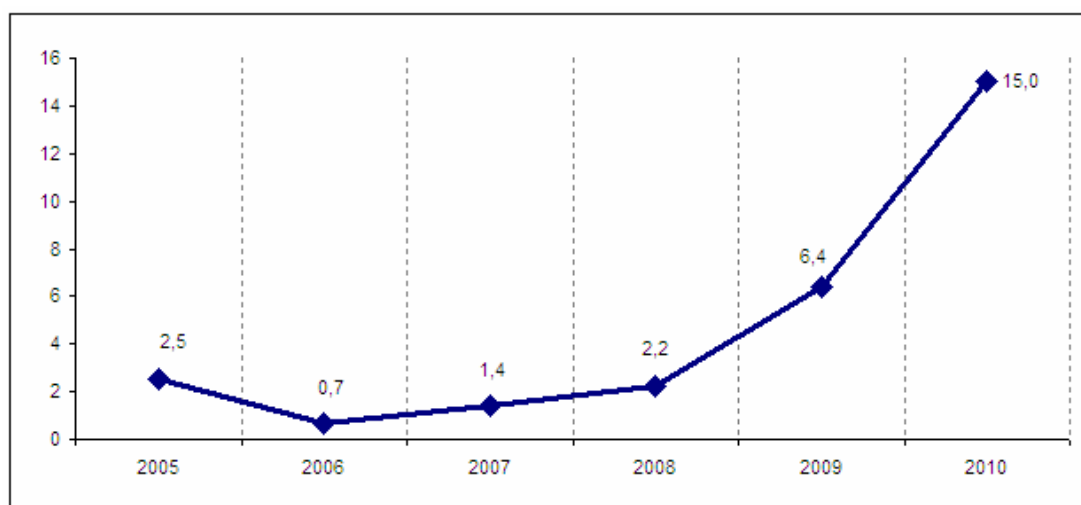
### 2.2.3. Investimento Externo Chinês na América Latina

#### Panorama Geral

Segundo Kungsheng, vice-ministro de Relações Exteriores da China: “A América Latina tem uma terra fecunda e cultura peculiar. Para a China essa região é fascinante e misteriosa” (OLMOS, 2011).

O IED chinês na América Latina é crescente ao longo dos anos. No ano de 2009, a América Latina recebeu 19% do total de investimento chinês no mundo no valor de US\$ 6,4 bilhões (BÁRCENA *et al* 2010), vale ressaltar que destes investimentos, 96% foram para paraísos fiscais (Ilhas Cayman, Ilhas Britânicas, Bahamas e Barbados) (POCHMANN *et al*, 2011). Um caso disso é a compra da Repsol-Brasil pela Sinopec, o investimento teve origem em Luxemburgo e não na China (SOARES, 2011). No que refere aos países do MERCOSUL, o Brasil, Argentina e Peru foram os que mais receberam o IED chinês (SOUZA, 2011). Podemos perceber, claramente, através da figura 7 abaixo, o ritmo de investimento que a China imprimiu na América Latina.

**Figura 7: Investimento Chinês na América Latina (US\$ bilhões)**



Fonte: Cepal, 2011

Através de uma tabela, é possível verificar com mais detalhes o destino dos investimentos de acordo com cada país no Mercosul. Também pode-se perceber que os países que receberam mais investimento no passado, continuam recebendo este ano.

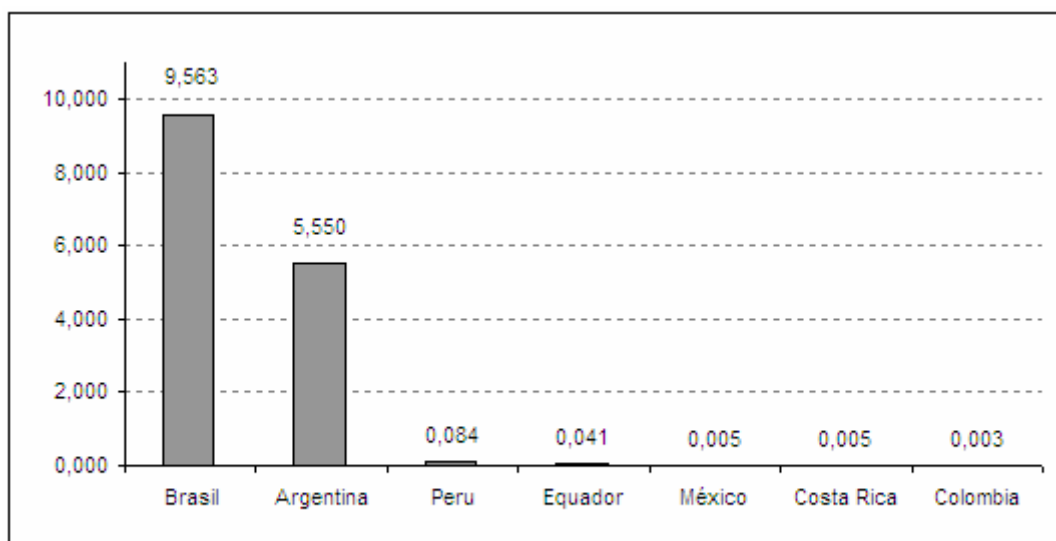
**Tabela 3: Investimento Chinês no Mercosul (US\$ milhões)**

Países	Confirmadas				Anunciadas	
	1990 - 2009	%	2010	%	2011	%
<b>Brasil</b>	255	4,0%	9.563	62,74%	9.870	44,8%
<b>Argentina</b>	143	2,3%	5.550	36,40%	3.530	16,0%
<b>Peru</b>	2.262	35,8%	84	0,55%	8.640	39,2%
<b>Equador</b>	1.619	25,6%	41	0,27%	0	0,0%
<b>Venezuela</b>	240	3,8%	0	0,00%	0	0,0%
<b>Colômbia</b>	1.677	26,5%	3	0,02%	0	0,0%
<b>México</b>	127	2,0%	5	0,03%	0	0,0%
<b>Total</b>	6.323	100%	15.246	100%	22.040	100%

Fonte: CEPAL 2011 Elaboração da Autora

No ano de 2010, a América Latina foi o maior destino dos investimentos chineses com 36% do total. As empresas chinesas investiram no total 15 bilhões de dólares. Com isso, a China tornou-se o terceiro país investidor da região (LUDES, 2011; BÁRCENA *et al* 2010). Os países que mais receberam investimento foram Brasil, Argentina e Peru, como mostra figura 8 abaixo:

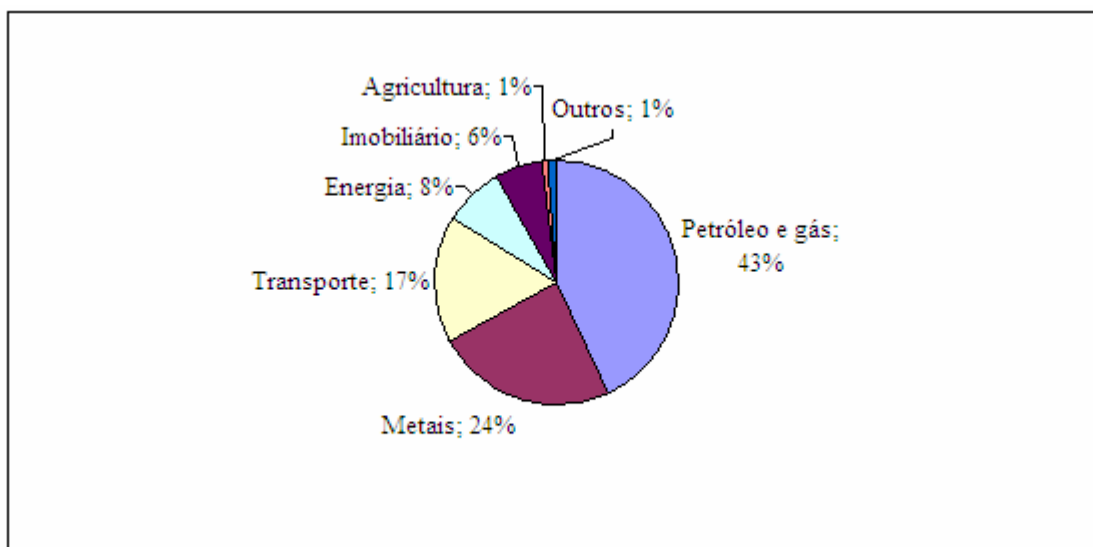
**Figura 8: Investimento Chinês na América Latina por País no Ano de 2010 ( US\$ bilhões)**



Fonte: Cepal, 2010

O investimento chinês na América Latina é bem definido e claro. O governo de Pequim quer reduzir sua exposição às altas de preços das matérias-primas, pois 90% dos investimentos chineses na América Latina tiveram destino no setor de extração de recursos naturais (BÁRCENA *et al* 2010), tendo como foco os setores de petróleo, eletricidade, mineração, agricultura, automóveis e máquinas (POCHMANN *et al*, 2011). Como mostra figura abaixo:

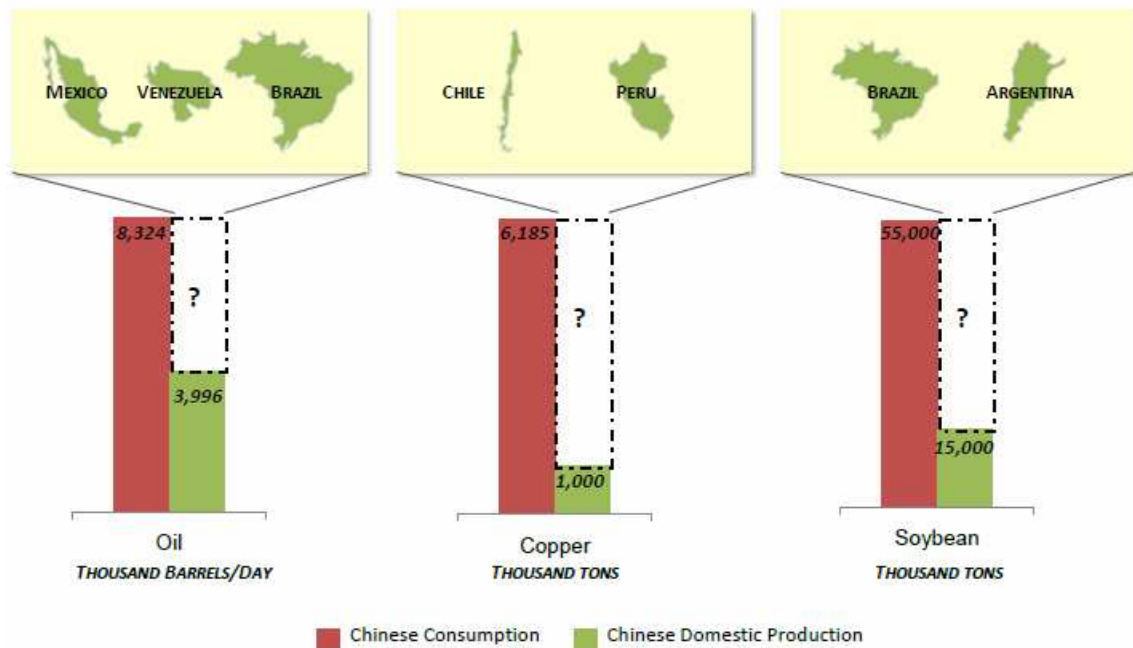
**Figura 9: Investimento Chinês na América Latina.**



Fonte: Global Chinese Investment Tracker, Heritage Foundation. Período 2005-2010

Através da figura acima, é perceptível claramente que a estratégia adotada pela China na América Latina é a busca de fornecimento de insumos básicos e energia para a continuação do seu crescimento econômico. Através da figura 10, podemos perceber que a quantidade de consumo doméstico chinês, no caso de petróleo, metal e soja, são muito maiores do que a capacidade de produção doméstica, ou seja, a China sozinha não consegue suprir a demanda interna e assim sendo, ela importa da América Latina (BERTHEL *et al*, 2011).

**Figura 10: Produção e Consumo do Mercado Doméstico Chinês.**



Fonte: BERTHEL *et al*, 2011, p. 26.

Com a falta de oferta e para garantir essas matérias primas, a China tem adotado uma política de participação acionária como no caso da empresas mineradoras de ferro no Peru, de níquel em Cuba, e de cobre no Chile (BAUMANN, 2010 *apud* HOLLAND e BARBI, 2010).

Em relação a atuações das empresas chinesas aqui, podemos destacar:

- Em 2005, a China Minmetals Corporation adquiriu  $\frac{1}{4}$  do Chile GABY Copper Mine, com o objetivo de obter cobre, a preços abaixo do mercado (*spot rate*) (POCHMANN *et al*, 2011).
- Em 2006, a Sinopec, CNPC, Andes Petroleum Company Limited compraram a empresa equatoriana Encana no valor de US\$ 1,42 bilhões (BERTHEL *et al*, 2011).
- Ainda em 2006, a Sinopec e a ONGC, fizeram um *joint venture* de 50% cada para adquirir Omimex da Colômbia no valor de US\$ 850 milhões (BERTHEL *et al*, 2011).
- Em 2007, a Chinalco comprou 100% da empresa Peru Copper Inc do Peru no valor de US\$ 860 milhões (BERTHEL *et al*, 2011).



- A Sinohydro investiu US\$ 559 milhões na Hydro Energy no Equador em 2009.
- Ainda em 2009, houve um *joint venture* entre Sinopec e Petroecuador na exploração de petróleo no valor de US\$ 1 bilhão (Bethel *et al*, 2011).
- Em 2010, a petrolífera chinesa CNOOC anunciou uma *Joint venture*, 50% cada uma, com a Argentina Bidas Energy num acordo de US\$ 3,1 bilhões na exploração de reservas de gás e petróleo na América do Sul (BÁRCENA *et al* 2010).

## 2.2.4. Investimento Externo Direto Chinês no Brasil

### **Panorama de IED Chinês no Brasil**

O motivo do investimento chinês no Brasil tem como objetivo garantir o fornecimento de matérias primas para o seu mercado doméstico, pois, o Brasil é caracterizado como fonte supridora de produtos alimentícios e insumos básicos. Assim, nos últimos anos, houve um fortalecimento do relacionamento bilateral entre Brasil e China (CASTRO e SOARES, 2011; OLIVEIRA, 2006). Isso é confirmado de acordo com as palavras de Décio Oddone, executivo da área internacional da Petrobrás: “As empresas chinesas são estatais que operam com uma visão estratégica clara. Elas buscam acesso a recursos para atender objetivos como a garantia do suprimento para suprir a demanda doméstica, que cresce a taxas elevadas, e a abertura de mercado para os seus produtos. Para ajudar, contam com dinheiro abundante e barato. Vinham sendo muito ativos na África. Nos últimos tempos temos visto um aumento da presença deles na nossa região, especialmente no Brasil e na Argentina” (SCHUFFNER, 2011).

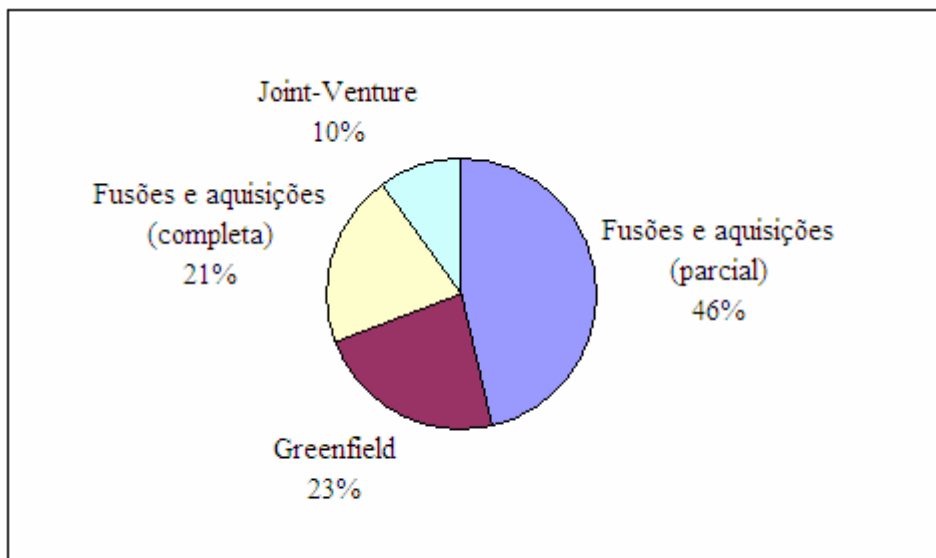
“A energia é como o sangue para o desenvolvimento e alimentar tantas pessoas é carga demais para nosso país” diz o Kunsheng, vice-ministro de Relações Exteriores da China (OLMOS, 2011). Com esse objetivo, no ano de 2010, a China é o país que mais investiu no Brasil, num total de US\$ 7,5 bilhões, a qual representa 15% do total de investimento estrangeiro direto recebido pelo país (BÁRCENA *et al* 2010) e representa 0,47 do PIB brasileiro (CHADE, 2011). A maior parte desse investimento foi destinado à compra de participação em companhias internacionais instaladas no Brasil (O Estado de SP, 2011).

## Modo de Entrada

A maior parte das empresas chinesas que investiram no Brasil no ano de 2010, são Empresas Estatais Centrais (Central State-Owned Enterprises, ou Central SOE), estas empresas são pertencentes a setores estratégicos da economia chinesa e são supervisionados por Pequim. Além dessas empresas, há também as Empresas estatais e empresas privadas (CASTRO e SOARES, 2011).

De acordo com a figura abaixo, o modo de entrada chinesa no Brasil é por fusões e aquisições completas que correspondem a 21%; parciais, 46%; 10% por *joint-ventures* e 23% de *greenfield*. (CASTRO e SOARES, 2011). Uma explicação possível pela preferência de fusões & aquisições seria as dificuldades culturais encontradas entre os dois países. O que também explica o porquê do investimento por *Greenfield* ser tão pequeno.

**Figura 11: Modo de Entrada do Investimento Chinês no Brasil.**

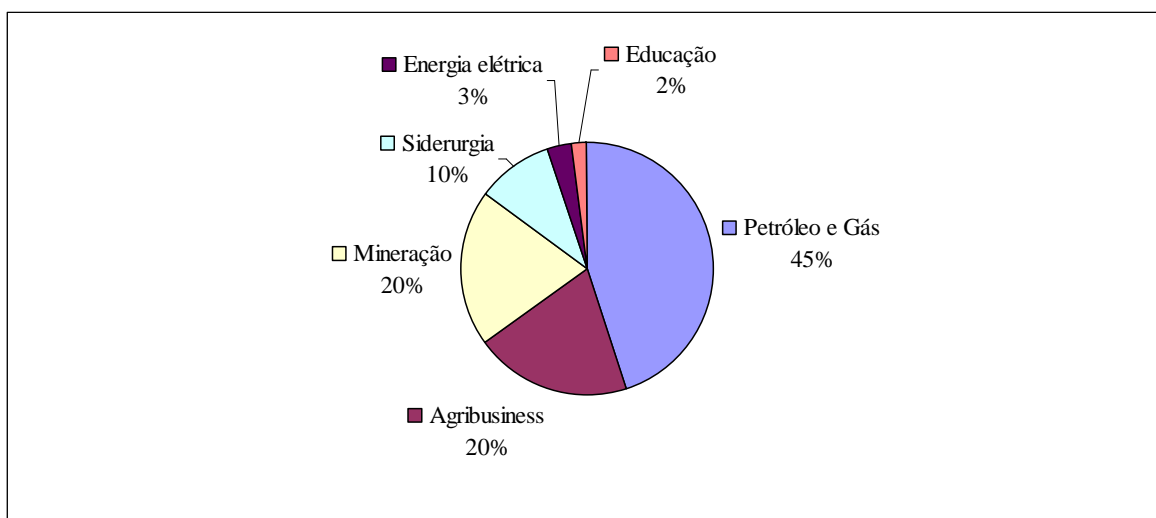


Fonte: Castro e Soares, 2011. Adaptação da Autora.

## Investimento Chinês por Setor

A maior parte dos investimentos chineses no Brasil são voltados para as áreas de petróleo, mineração e produção agrícola. Além de outros setores como mostra a figura 12 (CASTRO e SOARES, 2011).

**Figura 12: Investimento Chinês no Brasil por Setor (2010)**



Fonte: Castro e Soares, 2011. Adaptação da Autora

### **Atuação de empresas Chinesas no Brasil**

Há um movimento de mudança do perfil de investimento chinês no Brasil do ano de 2010 para 2011. No ano passado, 85% do investimento era ligado a *commodities*, enquanto de janeiro a outubro do ano corrente, 74% do investimento foram destinados a setores de manufaturas, semi-manufaturas e pesquisa e desenvolvimento (PEDROSO, 2011). Isto é, até 2010, foi verificado o investimento no setor de matérias-primas para manter sua taxa de crescimento. Já o ano de 2011 é marcado pela entrada de novos *players* de outros setores em busca de mercado. Como o setor automobilístico, de comunicação e outros (SOARES, 2011).

No que é referente ao setor de petróleo, podemos destacar grandes transações, como no ocorrido no ano de 2010, com o investimento de US\$ 7,1 bilhões da estatal chinesa Sinopec Corp na área petrolífera, para aquisição de 40% da Repsol Brasil (CASTRO e SOARES, 2011). Além da parceria com a Repsol, a Sinopec tem investimento nos gasodutos entre Cabiúnas (RJ) e Vitória (ES) (OLMOS, 2011). Outra grande atuação no setor do petróleo é o empréstimo concedido pelo Banco de Desenvolvimento Chinês de US\$ 10,2 bilhões à Petrobrás, com a condição de que duas estatais chinesas (PetroChina e Sinopec) tenham acesso à exploração de petróleo (BERTHEL *et al*, 2011; SCHUFFNER, 2011). Outra atuação do setor é a empresa Sinochem a qual adquiriu 40% da norueguesa Statoil para exploração do Campo de petróleo *offshore* Peregrino no valor de 3,07 bilhões (CASTRO e SOARES, 2011;

SCHUFFNER, 2011). Essas aquisições têm como estratégia, conseguir ativos de alta qualidade para apoiar o forte crescimento chinês (WESTGARD, 2010). E para esse fim, os chineses adotam posturas agressivas, como no caso da rodada final da venda do Peregrino que teve como finalistas a Sinochem, Sinopec e PTTEP, não houve uma única grande empresa ocidental (DEAN, 2010).

No quesito de metais, estatais chinesas adquiriram reservas com capital nacional ou não, de reservas de minério de ferro em milhões de toneladas nos estados de Minas Gerais e Bahia (CASTRO e SOARES, 2011). No ano de 2009 A chinesa Wuhan Iron & Steel adquiriu 22% da MMX Mineração no valor de US\$ 400 milhões (BERTHEL *et al*, 2011). Ainda no setor de mineração, um grupo de companhias chinesas (Citic Group, Anshan Iron & Steel Group Corp, Baosteel Group Cop, Shougang Corp e Taiyuan Iron & Steel Group) comprou 15% do capital da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração no valor de 1,95 bilhões de dólares em 2011 (MAIA e RIBEIRO, 2011).

No setor de agronegócio, em 2011, a atuação foi da empresa Chongqing Grain Group num investimento de US\$ 4 bilhões na instalação de um pólo de 100 mil hectares para esmagamento de soja e fertilizantes em Barreiras (BA). Além de um sistema de armazenagem e logística de grãos. (CASTRO e SOARES, 2011). Outra atuação é do grupo chinês Chongqing Huapont Pharm que anunciou uma aquisição de 7,5% na brasileira CCAB Agro num valor de US\$ 20 milhões com o objetivo de potencializar e expandir o *core business* do grupo chinês principalmente na área de defensivos agrícolas (LOPES E BATISTA, 2011).

Um exemplo de empresa chinesa no setor de eletricidade é a State Grid que em 2010 comprou sete concessionárias de transmissão de energia no valor de 989 milhões (CASTRO e SOARES, 2011).

No setor de tecnologia destacamos a empresa Huawei, que investirá US\$ 350 milhões num centro de pesquisa e desenvolvimento (P&D) na cidade de Campinas (SP) em 2011. Outra fabricante de celulares e equipamentos para rede de comunicações, a ZTE tem planos de aplicar em 2011 US\$ 200 milhões na construção de um parque industrial em Hortolândia (SP) (CASTRO e SOARES, 2011; OLMOS, 2011). Este pólo será responsável por atender todo o mercado do MERCOSUL e concentrará produção, centro de treinamento, centro de distribuição logística e P&D (BRAUN, 2011). Em 2011, a Chongqing Polycomp International Corporation, empresa de fibras de vidro

decidiu investir no território brasileiro e comercializar os seus produtos (CASTRO e SOARES, 2011).

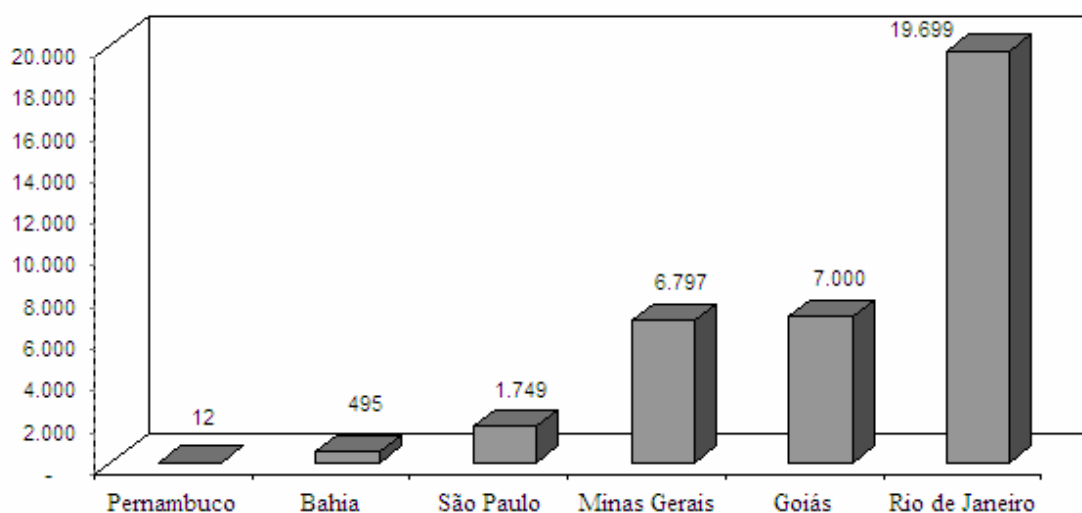
No setor de automóveis, a Chery instalou a primeira fábrica de carros chineses no país com um investimento de US\$ 400 milhões. Esta fábrica está situada na cidade Jacareí (SP) e será concluída em 2013. Outro player chinês que entrou no setor de automóvel no Brasil é a JAC Motors, esta anunciou um investimento de US\$ 600 milhões numa fábrica para produzir 100 mil veículos por ano (OLMOS, 2011).

No setor financeiro, no ano passado, o gigante Bank of China Limited, controlada pelo governo chinês, dono de ativos com mais de um trilhão em negócios, abriu uma subsidiária em São Paulo com o objetivo de facilitar e agilizar o comércio e as atividades econômicas de empresas brasileiras e chinesas (WESTGARD, 2010).

### Investimento por Estado Brasileiro

No que se refere à distribuição geográfica do investimento chinês no Brasil, podemos destacar os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais como os principais destinos desses investimentos. A causa desse destino está ligada à concentração de extração de petróleo e minério de ferro. Os investimentos menores estão mais dispersos e focado nos setores automobilístico, eletroeletrônico e outros de transformação manufatureira (CASTRO e SOARES, 2011). A figura 13 mostra os principais estados que receberam investimento chinês.

**Figura 13: Investimento Chinês por Estado Brasileiro (US\$ milhões)**



Fonte: Castro e Soares, 2011. Adaptação da Autora

Há uma diferença entre o investimento chinês na África e no Brasil. Na África, a mão de obra é 100% chinesa. No Brasil, é diferente. Na construção da Companhia Siderúrgica do Atlântico, do grupo alemão ThyssenKrupp, no Rio de Janeiro, a chinesa Citic queria trazer 2 mil trabalhadores para obra, porém o Ministério do Trabalho permitiu apenas 600. Outro esquema parecido foi da obra no Gasoduto do Nordeste, que obteve financiamento da China Eximbank, que queria trazer mão de obra chinesa, no entanto, a Petrobrás obrigou a contratação de funcionários locais (SCHUFFNER, 2011).

A China tem o Brasil como um parceiro estratégico. Assim as parcerias tecnológicas e políticas são fundamentais para o ganho dos dois países (OLIVEIRA, 2006). Um exemplo é o caso da infra-estrutura, o Brasil tem deficiência e a China possui elevado *Know-How*, assim, investimento nesse setor, favoreceria ambos os países (PIMENTEL, 2009). Segundo o ex-embaixador do Brasil na China e observador das relações entre os dois países há 30 anos, Roberto Abdenur: “A China coloca ao Brasil um desafio muito grande, que é o desafio da competitividade. Mas não acho que a China seja um bicho-papão. Acho que a China está prestando ao Brasil um grande serviço, porque mais do que nenhum outro país no mundo ela realmente nos confronta com os desafios de superarmos nossas gravíssimas distorções e limitações para ganharmos competitividade no plano internacional. O grande desafio está menos na gestão, na administração da relação com a China, do que naquilo que nós vamos fazer aqui dentro” (SCHUFFNER, 2011).

## 3. Metodologia

### 3.1. Universo e Sujeitos da Pesquisa

O universo é um conjunto de elementos que possuem características que serão objetos de estudo (VERGARA, 2004, p. 50). O universo da pesquisa sobre investimento externo direto chinês no Brasil inclui todas as organizações que fazem parte desse tema. Isto inclui as empresas transnacionais e multinacionais chinesas, empresas que fazem intermédio entre Brasil e China e estudiosos que debruçam sobre o tema.

Em relação ao critério de seleção dos sujeitos da pesquisa levou em consideração elementos que a pesquisadora considerou representativos da população-alvo, ou seja, procurou obter informações através dos *key informants* (informantes chaves), pois é uma pesquisa voltada para administração internacional (WELCH *et al*, 2002). Assim, os sujeitos da pesquisa foram compostas por quatro entrevistados: André Luiz Soares de Oliveira, coordenador da área de pesquisa internacional do Conselho Empresarial Brasil e China (CEBC); Reinaldo Ma, associado sênior do Belsberg e Associados; J. Gregory Arthur, analista financeiro do SinoLatin Capital e Luís Curi, CEO da Chery Brasil.

### 3.2. Coleta de Dados, Tratamento e Limitações.

Ao se discutir a escolha de uma metodologia de pesquisa, é fundamental ter em mente o que se pretende pesquisar. E o que se espera descobrir e aprender com a pesquisa. Pensar nessas questões conduz, necessariamente, à necessidade de explicação do paradigma que se escolhe para olhar o mundo (VERGARA, 2004, p. 61). No presente trabalho, por ser uma pesquisa exploratória, foi decidido que os dados serão tratados de forma qualitativa apresentando de forma estruturada e analisando-os com o tema estudado.

Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica em livros, jornais especializados, teses e dissertações, artigos científicos e sites governamentais. Pois essas fontes agregam amplas informações auxiliando na construção e definição do quadro conceitual que envolve o objeto do presente estudo (LIMA e MIOTO, 2007).

Paralelamente a isso, também realizou-se uma pesquisa de campo, com entrevista estruturada e aplicada aos entrevistados. Primeiramente foi montado um

questionário aberto, pois a intenção é que as respostas sejam dadas livremente pelo participante. Em seguida, foi enviado um e-mail para as organizações que são atores do investimento externo direto chinês no Brasil como um primeiro contato esclarecendo os objetivos e solicitando uma entrevista. Depois de receber uma resposta, foi enviado o questionário contendo as perguntas. A entrevista com o CEBC<sup>1</sup> foi presencial, pois a empresa fica localizada no Rio de Janeiro. A entrevista com a Chery Brasil<sup>2</sup> e a SinoLatin Capital<sup>3</sup> foi via e-mail devido que a primeira está localizada na cidade de São Paulo e a segunda, fica na cidade de Shanghai, China. A última entrevista com a Felsberg e Associados<sup>4</sup> foi por telefone.

Como toda metodologia científica, há limitações. A primeira limitação do método do presente trabalho é que o mesmo está limitado pela seleção das pessoas entrevistadas, tendo em vista a impossibilidade de serem entrevistados todos envolvidos sobre o tema investimentos externos direto chinês no Brasil. Um segundo fator de limitação está relacionada à bibliografia, pois foi estudado material em inglês e português. Não foi consultado material escrito em mandarim sobre o assunto. Outra limitação é que a teoria de internacionalização de empresa foi criada a partir de estudo empírico de empresas americanas e suecas (SOARES, 2011, p. 13) que diferem das empresas chinesas, pois estão num contexto (ambiente doméstico, estrutura de propriedade e política) totalmente diferentes. Uma última limitação refere-se quanto ao tratamento dos dados coletados, é uma limitação que diz respeito à própria origem da pesquisadora, influenciando em sua interpretação. Contudo, procura-se certo distanciamento, embora admita-se a inexistência da neutralidade científica.

---

<sup>1</sup> Entrevista ocorrida no dia 05 de setembro de 2011 com duração de uma hora.

<sup>2</sup> Entrevista recebida no dia 04 de novembro de 2011

<sup>3</sup> Entrevista recebida no dia 15 de agosto de 2011

<sup>4</sup> Entrevista ocorrida no dia 30 de novembro de 2011 com duração de 30 minutos



## 4. Resultado das Entrevistas

### 4.1. Investimento Chinês x Mundo

Em relação à primeira questão sobre quais os setores que a China está investindo no mundo, a totalidade dos respondentes informou que a China investe em setores dependendo da localização. Para eles, a China investe em países subdesenvolvidos e emergentes em busca de matérias-primas e nos países desenvolvidos a tecnologia:

- “Eu diria transporte, energia, petróleo, agricultura, metal e finanças”. (SOARES)
- “A China está investindo em vários setores pelo mundo. Ela investe desde projetos na aquisição de *commodities* na África e América Latina até fusões e aquisições em tecnologia de ponta nos EUA e Europa. Na América Latina, o investimento é voltado para setores de petróleo, gás e mineração”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>5</sup>
- “Eu diria basicamente duas linhas principais. *commodities* em larga escala como o petróleo, minério, soja... e bens de consumo de produtos chineses, seja para distribuir ou fabricar produtos de origem chinesa. Eu acho que não só América Latina, mas no mundo todo eu diria mais em *commodities*. Se você pensa na África, é muito *commodities*, Europa teve um grande investimento em bens de consumo e América Latina recebe os dois”. (MA)

Ainda de acordo com os respondentes, a China se interessa por esses setores, primeiro para alimentar o seu mercado doméstico que tem um crescimento contínuo e num segundo motivo, houve uma divergência nas respostas. Para dois dos entrevistados, o motivo seria obter novos mercados e serviços. Para o outro respondente, o motivo é que a China sozinha não tem capacidade de desenvolver alguns setores, então ela investe nesses setores:

- “Eu ainda não cheguei a uma conclusão. Mas pelos artigos que tenho lido, diria que as empresas chinesas internacionalizam-se de três formas:

---

<sup>5</sup> *China is investing in a wide range of sectors all over the world: from upstream commodities projects in Africa and Latin America, to mergers and acquisitions in high-end technology in the United States and Europe. In Latin America, the bulge of Chinese investments has been in the oil and gas and mining sectors.*

A primeira seria que as grandes empresas estatais, se internacionalizam para assegurar as necessidades de fornecimento de recursos naturais para China. Elas atuam como interesses nacionais.

A segunda lógica é composta por empresas estatais não centrais ou empresas de capital híbrido, cujo processo de produção requer avanços sistêmicos de tecnologia que a China, até agora, ainda não possui capacidade de desenvolver sozinha. Essas empresas são motivadas pela busca por ativos estratégicos e optam por desenvolvê-los através de *joint-venture* e da aquisição de empresas no exterior principalmente europeia e norte americanas.

Por fim a terceira lógica seria das empresas estatais não centrais ou empresas de capital híbrido, que utilizam-se de suas vantagens de preço para ofertar produtos em mercados com características semelhantes aos chineses, como o leste europeu e os países da América Latina”. (SOARES)

- “O PIB chinês vem crescendo a uma taxa de aproximadamente 10% nos últimos 20 anos. Assim, a China está interessada em investir fora por dois motivos: a) para obter recursos necessários para alimentar sua indústria (matérias-primas e tecnologia), e b) para ter acesso a novos mercados para seus produtos e serviços”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>6</sup>

- “Na questão de *commodities* seria garantir o abastecimento da própria China, seja em petróleo, minério ou produtos alimentícios e na questão de bens de consumo seria a expansão das empresas chinesas, a internacionalização delas e atingir novos mercados”. (MA)

## 4.2. Investimento Chinês x América Latina

Houve uma diferença de ponto de visto dos respondentes no que se refere aos motivos do investimento chinês na América Latina. Uma das respostas foi mais macro, referindo-se ao fato de que a China investe na América Latina em busca de *commodities*. Enquanto a outra resposta foi algo mais específico relacionado a setor

---

<sup>6</sup> *After a long period under a centrally planned economy, China's GDP has been growing on an average rate of approximately 10% for the past 20+ years. China is interested in going out for two reasons: a) to obtain the resources it needs to feed its industries (raw materials and technology), and b) to access new markets for its products and services.*

automobilístico, nesse setor a estratégia da internacionalização de empresas é se tornar um *player* no setor e uma terceira resposta que agrega *commodities* e bens de consumo:

- “A China tem procurado nos últimos anos, um país ou região de fornecimento estável de matérias-primas para sustentar seu crescimento contínuo. A América Latina é rica em muitos dos metais e minerais que a China exige (cobre, minério de ferro, zinco, etc.). Portanto, nos últimos 10 anos, ela vem investindo em projetos, dos quais pudesse assegurar *commodities*”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>7</sup>

- “Eu acho que é natural que o investimento venha aqui na América Latina. A África foi um dos pontos principais porque tem muitos recursos naturais e talvez seja mais fácil para se investir. É mais fácil porque alguns países africanos não tinham ou não tem muitos recursos e aceitam inúmeros acordos que às vezes não são tão favoráveis ao país. Não contam com muitas condições para investimento e nem limitações. Tem países na África que se você coloca uma estrada, um porto, eles praticamente deixam você fazer o que quiser. Já o Brasil, Chile, Peru que são países um pouco mais desenvolvidos que a África, têm sistemas mais consolidados e regras ambientais mais específicas. Assim, um motivo do investimento na América Latina é que aqui há muita riqueza em recursos naturais e outro motivo seria o mercado consumidor muito forte, principalmente o Brasil. Exemplo, se você procura recursos naturais, você tem que ir aonde tem. A mesma coisa acontece com o mercado consumidor. A América Latina conseguiu congrega esses dois fatores para atrair o investimento chinês”. (MA)

- “O que motiva o investimento chinês na América Latina, no que diz respeito a automóveis, é o fato de essa ser uma região em crescimento real no mercado automotivo. Outro fator importante é a busca por tentar equalizar e otimizar os fatores de logística”. (CURI)

Já em relação aos impactos econômicos, políticos e sociais do investimento chinês na América Latina:

---

<sup>7</sup> *China has been looking for a stable supply of raw materials that it lacks, to sustain its continued growth. Latin America is rich in many of the metals and minerals that China requires (copper, iron ore, zinc, etc.). Therefore, for the past ten years of so, China has been investing in projects that will help it secure these commodities. )*

- “A China tornou-se um dos maiores investidores e parceiros comerciais da América Latina num curto período de tempo. Por isso, o impacto chinês nessa região ainda é difícil de avaliar. O que posso dizer é que normalmente quando entra um novo *player* em uma nova região, existem duas maneiras de ver o investimento chinês na América Latina: a) é benéfica para região, porque trás consigo capital, principalmente no MERCOSUL que tem em falta, ou b) uma nova invasão de um *player* que entra e extrai os recursos da América do Sul e não deixa nada positivo na região. A primeira visão é defendida pelos agentes econômicos do setor de *commodities* da América Latina, visto que são beneficiados pelas oportunidades surgidas pelo interesse chinês. A segunda visão é de alguns políticos e sociais da sociedade latino americana, que exigem medidas protecionistas para salvar a indústria nacional. Em geral, é visto como um novo fenômeno positivo para América Latina, porque leva para região tecnologia que pode ajudar a desenvolver a indústria local”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>8</sup>

- “Econômica – a) acho que aumenta o investimento no Brasil e a América Latina como um todo. Isso ajuda alguns países com problemas de investimento como Venezuela ou Argentina e isso ajuda a desenvolver um pouco a economia deles. b) Acirramento da competição, torna mais competitivo o mercado, principalmente na área de bens de consumo. Um exemplo disso são os carros.

Política – Gera um pouco de medo, vamos dizer assim. Na área *commodities*, um investimento muito forte começa a incomodar. Na área de consumo, o preço cai e começa a incomodar as multinacionais e começam a dizer que vão

---

<sup>8</sup> *China became one of Latin America’s top trading and investing partners in a relatively short period of time. The impact that Chinese investments is having in the region is still hard to assess due to its recentness. As is normally the case when a new player enters a region, there are two ways of viewing Chinese investment in Latin America: a) it is largely beneficial because it brings capital to a region that needs it, or b) it is a new invasion by an external power that is extracting Latin America’s resources and not leaving positive results behind. The first view is held by most economic players in the commodities sector in Latin America, since they are experiencing plenty of opportunities to benefit from the Chinese’s interest in their products. The second is the view of some political and social players in Latin American society, who call for an increase in protectionist measures in order to save Latin American industries from being overtaken by Chinese firms. In general, we see that Chinese investments are perceived as a positive new phenomenon in Latin America because it brings technology and can help develop the local industries.)*

fechar fábricas, não que todo seja verdadeiro, mas um medo de competição mais volátil.

Social - Mais investimento gera mais emprego, e em alguma proporção, gera mais acesso a uma série de produtos, pois o preço destes cai bastante”. (MA)

- “Econômicos: novos investimentos fora da China (uma nova fronteira que se abre para China como investidora).

Políticos: a inserção da China definitivamente na OMC.

Sociais: intercâmbio e proximidade de culturas tão diferentes (latina e chinesa) nas maneiras e estratégias de conduzir negócios”. (CURI)

### 4.3. Investimento Chinês x Brasil

Todos os participantes concordaram que houve um aumento de investimento chinês no Brasil nos últimos anos:

- “O volume de investimento chinês no Brasil aumentou absurdamente. Eu diria que há uma política coordenada pelo governo chinês, denominada “*Go Global Policy*”, que visa incentivar suas empresas a irem para fora”. (SOARES)

- “Teve um aumento substancial sim. O aumento vem aumentando gradativamente, tanto q a China hoje é a maior investidora estrangeira no Brasil que antes era ocupada pela Alemanha”. (MA)

- “Há aumento de participação de empresas chinesas no Brasil desde 2009 (eletrônicos, automotivo, materiais de construção e máquinas)”. (CURI)

Na questão sobre as dificuldades enfrentadas por empresas chinesas no Brasil, o interessante das respostas além de citar as diferenças lingüísticas, culturais... é que cada respondentes trouxe uma visão das peculiaridades percebidas no seu trabalho do dia-a-dia:

- “O que eu destacaria talvez seja em relação a questão do visto. As empresas chinesas têm reclamado da dificuldade de conseguir vistos para os chineses trabalharem aqui. Porque pela legislação brasileira, a mão de obra tem que ser

local, salvo se não encontra o profissional com as mesmas qualificações no país receptor do investimento.

Outra questão é a compra de terras. As empresas chinesas querem comprar um terreno aqui, para instalação de fábricas. Como acontece em qualquer lugar, isso não pode”. (SOARES)

- “No Brasil, as empresas chinesas enfrentam muitas dificuldades. Dentre elas: falta de compreensão cultural, as barreiras lingüísticas, as diferenças na legislação trabalhista brasileira”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>9</sup>

- “A principal dificuldade é entender a legislação brasileira que podemos separar em três pontos principais: tributação, imigração com muitas restrições e trabalhista. Outra dificuldade seria a língua portuguesa, apesar de que há um aumento de pessoas estudando português na China e mandarim no Brasil, ainda é pouco. Eu acho que se fosse uma língua mais próxima, talvez teria mais investimento”. (MA)

- “As principais dificuldades são: tributação complexa (tributos sociais, sob venda e produto) e a escassez de profissionais que dominem o inglês no Brasil (ler, escrever e falar a língua inglesa)”. (CURI)

Em relação a possíveis soluções dos problemas enfrentadas por empresas chinesas no Brasil, as respostas também foram bastante diversificadas:

- “Talvez eu diria que em relação a terras, como fez o caso da chinesa que queria comprar terras no estado da Bahia e o governo baiano cedeu a terra por um determinado período, não para a empresa chinesa produzir soja, porque empresas brasileiras já fazem, mas para instalar uma fábrica de produção de óleo de soja. Ou seja, investir em outras cadeias de produção”. (SOARES)

- “Eu acho que essas dificuldades serão resolvidas com o tempo, quando as novas gerações de brasileiros e chineses não pensarem um no outro com o conceito de estrangeiro. E também desempenha um papel fundamental,

---

<sup>9</sup> *Chinese companies in Brazil face many difficulties. Among them are: a lack of cultural understanding, language barriers, differences in the legal framework, attitude towards work of Brazilian employees.)*

instituições que promovem eventos bi culturais e servem como uma ponte entre as duas regiões”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>10</sup>

- “Promoção em termo de estudo da língua. Na China tem turma de pessoas estudando português. No Brasil tem pouca cursos de estudos formais da língua chinesa, ainda é incipiente, precisa incentivar mais esse intercâmbio Na questão da legislação, talvez um pouco mais de flexibilidade por parte do Brasil pelo menos na questão do visto”. (MA)

- “Tributação Complexa: por meio de conhecimento prévio dos chineses da tributação brasileira para fazer investimento e língua inglesa: parceria com *joint venture* (empresas locais)”. (CURI)

Em relação ao papel do governo chinês no incentivo a internacionalização de suas empresas, a maioria acha que o governo chinês já dá incentivos suficientes, resta as empresas chinesas quererem se internacionalizar. Apenas um respondente sugeriu que deveria haver uma política mais forte voltada para incentivar empresas a irem para fora:

- “Eu acho que o governo chinês desempenha um bom papel no que diz respeito a incentivar empresas chinesas a se internacionalizarem”. (SOARES)

- “O governo chinês já incentiva suas empresas a investirem no Brasil através de seus bancos de desenvolvimento (Banco de Desenvolvimento e o Banco Chinês de importação e exportação), esses bancos dão facilidade de crédito à empresas que investem na América Latina. Cabe na verdade as próprias empresas assumirem o desafio de internacionalizarem o seu capital humano, e certificar as diferenças culturais para que não se torne um obstáculo, quando negociarem fora da China”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>11</sup>

- “Eu acho que o governo chinês desempenha um bom papel no que tange a auxiliar suas empresas a irem para fora”. (MA)

---

<sup>10</sup> *They will be solved with time, when younger generations of Brazilians and Chinese do not think of each other's countries as an extremely foreign concept. In this, institutions that promote bicultural events and serve as a bridge between the two regions play an enormous role.)*

<sup>11</sup> *The Chinese government is already facilitating and encouraging Chinese companies' investments in Brazil. The government, through its development banks (the China Development Bank, and the China Export Import Bank), gives credit facilities to companies investing in Latin America. It is up to the companies to take up the challenge of internationalizing their human capital, and making sure that cultural differences do not become an obstacle when doing business outside of China. )*

- “A criação de bancos específicos para prospecção de um novo mercado, de conhecimento logístico e monetário, o que daria suporte à instalação de empresas chinesas em outros países”. (CURI)

Em relação ao papel do governo brasileiro diante do investimento chinês, as respostas foram divergentes:

- “Eu acho que as empresas chinesas enfrentariam as mesmas dificuldades que outras empresas estrangeiras. Diria a dificuldade burocrática. Na verdade, não há discriminação nenhuma de ser uma empresa chinesa. Esta enfrentaria as mesmas barreiras que uma empresa americana, européia... a única dificuldade que acrescentaria seria a questão cultural”. (SOARES)

- “O governo brasileiro poderia acelerar as discussões internas sobre propriedade de terras por entidades estrangeiras. Muitas empresas chinesas estão incertas sobre a segurança de seus investimentos no país, uma vez que existem constantes rumores do parlamento brasileiro de modificar leis existentes para evitar esse tipo de acesso”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>12</sup>

- “Eu diria que o governo brasileiro deveria promover um pouco mais oportunidades para empresas brasileiras investirem na China ou ir na China buscar investidores para investir no Brasil”. (MA)

- “Criar condições de competitividade com as montadoras nacionais e não enxergar a China como uma grande ameaça para o mercado local”. (CURI)

#### 4.4. China

Em relação às perspectivas dos investimentos chineses, todos os participantes concordaram que está havendo uma mudança de setores no investimento chinês. Antes era totalmente voltado para setores de matérias-primas e recursos naturais e a partir de 2011 o investimento é voltado para setores semi manufaturados e manufaturados:

---

<sup>12</sup> *The Brazilian government could speed up its internal discussions about land ownership by foreign entities. Many Chinese companies are still unsure about the safety of their investments in the country, since there are constant rumors about the Brazilian parliament modifying the existing laws in order to prevent their investments. )*



- “Um futuro muito longe, seria só chute. Então eu vou falar sobre o ano 2010, e o ano que estamos, 2011. O ano 2010 foi marcado por um forte entrada de investimento externo direto voltado para recursos naturais. No entanto, em 2011 já apresenta uma mudança de direção de investimento. As empresas estão investimento em indústria manufatureira, atividades que possui maior caráter tecnológico. Há um contraste entre esses dois anos”. (SOARES)

- “A China deve continuar investindo em matérias primas na América Latina num futuro próximo. No entanto, em 2011, já estamos vendo uma série de anúncios de negócios que diferem um pouco do usual investimento em recursos naturais e *commodities*, o que pode sugerir que a China está começando a pensar no Brasil mais como um destino para seus produtos e fornecer tecnologia em troca. O governo brasileiro, juntamente com outros países latino americanos, prefere ver uma diversificação de investimento chinês na região, pois eles não querem que os investimentos se direcionem apenas para *commodities*”. (GREGORY, tradução da autora)<sup>13</sup>

- “Eu acho que o investimento continuará aumentando. Não tão rápido quanto antes e eu acho também que o investimento será mais pulverizado. Por exemplo, vemos que o investimento era muito concentrado em algumas áreas específicas. Eu acho que o investimento será menos concentrado”. (MA)

- “Acredito que a China continuará a investir no futuro em segmentos de alta tecnologia, como telecomunicações e aeroespacial”. (CURI)

---

<sup>13</sup> *China will keep on investing in raw materials in Latin America in the near future. However, in 2011 we are already seeing a series of deal announcements that differ from the usual investments in natural resources and commodities, suggesting that China is starting to think of Brazil more as a destination for its products, and as a place for technology exchange. The Brazilian government, along with many other Latin American countries, would prefer to see a diversification of Chinese investments in the region and an upgrade in the quality of their relation. They do not want investments to be only about commodities. )*

## 5. Considerações Finais

O objetivo principal desta monografia é identificar as razões que motivam o investimento chinês no mundo e, principalmente no Brasil, os desafios enfrentados por empresas chinesas aqui instaladas e o papel exercido pelo governo chinês na internacionalização de suas empresas. Quanto a isso, conclui-se que a China adota o *strategic assets seeking* e *efficiency seeking* para os mercados desenvolvidos e em relação ao Brasil, houve uma mudança no direcionamento do investimento. Isto é, até 2010, seu investimento é voltado para o *resource seeking* e a partir de 2011, estamos vendo um movimento de *market seeking*.

Através da literatura econômica sobre investimento externo direto e as entrevistas, este estudo foi capaz de encontrar alguns elementos de resposta às questões de pesquisa nele propostas e cumprir seus objetivos. As principais conclusões a respeito desses elementos – objetivos, recomendações e limitações – são apresentadas a seguir.

Num momento em que a China se torna cada vez mais importante no cenário global, e mais de 80% das maiores empresas mundiais mantêm operações na China (Pimentel, 2007), compreender as operações de empresas chinesas no Brasil é fundamental para que o país se torne mais competitivo e consiga aproveitar as oportunidades surgidas com o investimento chinês e achar estratégias para combater as ameaças surgidas.

Uma das limitações é referente aos dados oficiais devido a pontos cegos. Pois a maioria dos investimentos chineses é voltada para paraísos fiscais e a partir dos paraísos fiscais que é direcionado para aquisições de empresas na América Latina. Há também pontos cegos em relação a investimento externo do mundo na China devido ao fenômeno *round-tripping*.

Apesar de ter analisado vários documentos, dados e artigos sobre investimento chinês. Entrevistas com executivos de empresas chinesas seriam úteis para apreender dificuldades e aspectos das relações com o governo que possivelmente não foram identificados.

Outra limitação é a impossibilidade de generalização dos resultados, baseados em apenas quatro entrevistas, cujas pessoas trabalham em empresas com missões diferentes. Todavia, em alguns pontos, as respostas dos participantes foram similares.

Como as motivações da internacionalização das empresas chinesas no mundo e no Brasil e as perspectivas do investimento chinês. E pontos diferentes que nos traz uma visão mais ampla sobre as dificuldades enfrentadas por empresas chinesas e os motivos do investimento chinês na América Latina.

Também foi percebido que o ambiente institucional e cultura brasileira foi julgado muito diferente do oriental, tendo sido fonte de importantes dificuldades para empresas chinesas no Brasil. Uma das dificuldades principais é que a cultura chinesa é caracterizada pelo coletivismo e seu ambiente de negócio é influenciado pelo confucionismo. O limite entre a vida privada e o trabalho é muito tênue e é muito forte a relação de hierarquia (PIMENTEL, 2007). O oposto da forma como os brasileiros fazem negócios. A língua também é um obstáculo para a comunicação, pois há uma falta de profissionais que domine a língua mandarim ou mesmo o inglês no Brasil.

Diante dos resultados dessa pesquisa e das contribuições que ela pôde alcançar em termos, sobretudo, da identificação das principais motivações e desafios enfrentados por empresas chinesas no Brasil, pode-se pensar em algumas recomendações para empresas, governos e estudiosos interessados nas relações entre Brasil e China.

Em primeiro lugar, seria interessante estudar o investimento chinês no Brasil e o investimento brasileiro na China e averiguar as oportunidades e ameaças de ambos os países e a relação da participação de investimento no PIB em ambos os países. Também, é interessante, estudo de caso de internacionalização de empresas chinesas, pois é pouco explorado o assunto, posto que a presença das mesmas no Brasil é incipiente.

Para finalizar, acredita-se que esta monografia contribuiu para administração e economia internacional, ao tratar de uma temática pouco explorado pelos estudiosos: as motivações, modo de entrada, desafios da internacionalização de empresas chinesas no Brasil. Também contribuiu com algumas evidências das quais poderiam servir para elaboração de políticas na coordenação de investimento chinês no Brasil. Isso pode gerar efeitos positivos na relação entre os dois países e torna a parceria mais sustentável no longo prazo.

## Referência Bibliográfica

ACEVEDO, C.; NOHARA, J. **Monografia no curso de Administração: Guia completo de conteúdo e forma.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ACIOLY, L.; ALVES, M.; LEÃO, R. A internacionalização das empresas chinesas. **IPEA**, maio de 2009.

Agência Estado. CNOOC e Bidas anunciam *joint venture* de petróleo. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 14 de março de 2010. Disponível em:

<<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,cnooc-e-bridas-anunciam-joint-venture-de-petroleo,8996,0.htm>> Acesso: em 15 de outubro de 2011.

**ALGO SOBRE VESTIBULAR E CONCURSO.** Disponível em: <<http://www.algosobre.com.br/historia/china-india-e-japao.html>>. Acesso em 11 de novembro de 2011.

BAUMANN, R.; CANUTO, O.; GONÇALVES, R. **Economia Internacional**, Teoria e experiência brasileira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BÁRCENA, A.; PRADO, A.; CEMILI, M.; PÉREZ, R. O investimento estrangeiro direto na América Latina e Caribe. Nações Unidas, **Cepal**, 2010.

BETHEL, E.; BARREDA, J.; GÓMEZ, L.; MEI, L. Why China and Latin América?. **SinoLatin Capital**, maio de 2011.

BRAUN, D. Com plano de fabricação no Brasil, ZTE lança tablet. **Valor Econômico**, 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/183763/com-plano-de-fabricacao-no-brasil-zte-lanca-tablet>>. Acesso: 20 de setembro de 2011.

CASTRO, A.; SOARES, A.; da Silva, E. Investimento Chineses no Brasil, Uma nova fase da relação Brasil-China. **Relatório de Pesquisa**, Conselho Empresarial Brasil China, 2011.

CHURCHILL, G.; PETER, J. **Marketing: Criando valor para os clientes.** São Paulo: Saraiva. 2003.

CUCOLO, E. China ultrapassa EUA como maior parceiro comercial do Brasil. **Folha Online**. 04 de maio de 2009. Disponível em:

< <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u560360.shtml>>. Acesso: 19 de agosto de 2011.

**FORTUNE**. Global 500. Disponível em:

<<http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2011/performers/companies/fastgrowrevs/>>. Acesso em 15 de setembro de 2011.

FRANCO, W.; POCHMANN, M. A internacionalização das empresas chinesas: as prioridades do investimento direto chinês no mundo. **Relatório de Pesquisa**, IPEA, 2011.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLLAD, M.; BARBI, F. China na América Latina: Uma análise da perspectiva dos investimentos diretos estrangeiros. **Texto para Discussão** 247, FGV, março de 2010. In: BAUMANN, R (org.). O Brasil e os demais BRICs – Comércio e Políticas. Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2010.

HOLLAND, M. Inserção Comercial do Brasil na América do Sul: um estudo sobre os efeitos da China na região. **Texto para Discussão** 248, FGV, março de 2010.

LOPES, F.; BATISTA, F. Grupo chinês adquire 7,5% da CCAB Agro. **Valor Econômico**. 08 de dezembro de 2011. Disponível em:

<<http://www.valor.com.br/empresas/1129234/grupo-chines-adquire-75-da-ccab-agro>>

Acesso em: 08 de dezembro de 2011

LUDE, M. *Foreign Direct Investment in Latin América and the Caribbean*. *United Nations*, **ECLAC**, 27 de maio de 2011.

MACIEL, R.; ALT, V.; LANNA, Z. Carta da China **Conselho Empresarial Brasil e China**, Ano 6, Nº 48 13 de julho de 2009

MAIA, V.; RIBEIRO, I. CBMM confirma venda de 15% de seu capital para chineses.

**Valor Econômico**. 01 de setembro de 2011. Disponível em:

< <http://www.valor.com.br/empresas/995406/cbmm-confirma-venda-de-15-de-seu-capital-para-chineses>> Acesso em: 01 de setembro de 2011.

MANUCCI, D. Alternativa chinesa, **Ampla**, Caderno de Opinião, pág. 11.

PADILHA, M.; LIMA, J. China: análise da inserção competitiva de um modelo socialista associado a mecanismos de mercado. **Revista Análise Econômica**, v. 25, n. 47, p. 211-247, março de 2007.

PARK, J. *China, business and sustainability: understanding the strategic convergence*. **Management Reseach News**, v. 31, n. 12, p. 951-958, 2008.

PEDROSO, R. Investimento chinês muda de foco no Brasil e mira manufaturas. **Valor Econômico**, 10 de novembro de 2011. Disponível em:

< <http://www.valor.com.br/brasil/1089880/investimento-chines-muda-de-foco-no-brasil-e-mira-manufaturas>> . Acesso em: 10 de novembro de 2011.

PIMENTEL, J. *Empresas Brasileiras na China: estratégia e gestão*. **USP**, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, H. As perspectivas de cooperação Sul-Sul no relacionamento Brasil-China **Nueva Sociedad** 203.

OLMOS, M. China quer investir mais em energia e agricultura. **Valor Econômico**. 19 de julho de 2011. Disponível em:

< <http://www.valor.com.br/arquivo/899157/china-quer-investir-mais-em-energia-e-agricultura>>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

\_\_\_\_\_, Fábrica da JAC no Brasil terá investimento de US\$ 600 milhões. **Valor Econômico**. 01 de agosto de 2011. Disponível em:

< <http://www.valor.com.br/empresas/970487/fabrica-da-jac-no-brasil-tera-investimento-de-us-600-milhoes>>. Acesso em: 26 de setembro de 2011.

“O que a China busca no Brasil”. **O Estado de S. Paulo**, 06 de abril de 2011.

SARTI, F.; LAPLANE, M. O investimento Direto Estrangeiro e a internacionalização da economia brasileira nos anos 1990. **Economia e Sociedade**, v. 11, n. 1 (18), p. 63-94, jan./jun. 2002.

SCHUFFNER, C. No pré-sal, China já tem o tamanho da BG. **Valor Econômico**. 21 de fevereiro de 2011. Disponível em: < <http://www.valor.com.br/arquivo/873623/no-pre-sal-china-ja-tem-o-tamanho-da-bg>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

SCISSORES, D. *China Global Investment Tracker: 2011 Relatório de Pesquisa*.

Disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/02/china-global-investment-tracker-2010>. Acesso em 09 de setembro de 2011.

SOARES, A. “Um estudo exploratório sobre o investimento direto das empresas chinesas no Brasil”. **COPPE UFRJ**, setembro de 2011.

SOUZA, L. Investimento externo direto chinês no MERCOSUL, **Meridiano 47** v. 12 n. 125 p. 32-39, mai-jun. 2011.

STORY, J. **China**, a corrida para o mercado. São Paulo: Futura. 2004.

SUKUP, V. A China frente à globalização: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 2, p. 82-113, 2002.

VERGARA, S. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WELCH, C.; PIEKKARI, R.; PENTTINEN, H.; TAHVANAINEN, M. *Corporate elites as informants in qualitative international business research*, **International Business Review** v. 11 p. 611-628, 2002

WESTGARD, A. Desembarque chinês, Em nova investida da China no Brasil, estatal compra fatia em campo petrolífera por US\$ 3 bi. **O Globo**, 22 de maio de 2010.

## Anexo I - Questionário

Nome:

Empresa:

Cargo:

1. Quais setores a China está investindo no mundo?
2. Por que a China tem interesse nesses setores?
3. O que motiva o investimento chinês na América Latina?
4. Quais são os impactos econômicos, políticos e sociais que o investimento chinês causa na América Latina?
5. A senhora vê alguma mudança com relação à promoção de negócios de empresas da China na América Latina nos últimos anos, meses? (Houve aumento de participação de empresas chinesas no Brasil?)
6. Quais são as principais dificuldades enfrentadas por empresas chinesas no Brasil?
7. Como essas dificuldades poderiam ser sanadas, amenizadas ou evitadas?
8. Na sua opinião, há algo que o governo chinês poderia fazer, mas não faz, para auxiliar as empresas chinesas? O que?
9. Na sua opinião, há algo que o governo brasileiro poderia fazer, mas não faz, para auxiliar as empresas chinesas? O que?
10. Qual é a sua visão sobre o investimento externo direto futuro da China? Ela continuaria investindo nesses setores ou migrará para outros?